

Secretaria da Educação do Estado de São Paulo
Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas
Escola de Tempo Integral

HORA DA LEITURA CICLO I

Coordenação

Neide Nogueira
Noemi Devai
Sonia de Gouveia Jorge

Elaboração

Ester Broner
Célia Prudêncio de Oliveira
Cristiane Pelissari
Ione Aparecida Cardoso Oliveira
Mara Sílvia Negrão Pova
Marta Durante
Marisa Garcia
Rosalinda Soares Ribeiro de Vasconcelos
Rosa Maria Monsanto Glória
Yara Maria Miguel

Supervisão

Profa. Telma Weisz

São Paulo, 2007

Ler é entrar em outros mundos possíveis. É indagar a realidade para compreendê-la melhor, é se distanciar do texto e assumir uma postura crítica frente ao que se diz e ao que se quer dizer, é tirar carta cidadania no mundo da cultura escrita...

Delia Lerner

Introdução

Todos nós, educadores da Rede Estadual de Educação de São Paulo, já estamos conscientes de que, no momento, nosso principal desafio é o de garantir que todos os alunos aprendam a ler e escrever com proficiência, isto é, tornem-se leitores e escritores capazes de se expressar, de compreender o que lêem, de usufruir da cultura escrita da qual têm direito de fazer parte.

Não que essa seja a única tarefa da escola. Pelo contrário, há muitas outras; tanto no que se refere ao ensino das áreas de conhecimento quanto à formação dos alunos, para que possam viver plenamente sua condição de cidadãos de uma sociedade democrática. Entretanto, tudo nos indica que a leitura e a escrita são instrumentais básicos para todo o restante. E é justamente desse domínio que nossa população, em grande parte, está distante. Muitas das famílias usuárias das escolas públicas não tiveram essa oportunidade. Para elas, a escola é o principal – às vezes o único – espaço social acessível, onde seus filhos podem superar esses limites.

Essa consciência nos coloca uma grande responsabilidade. Uma responsabilidade que, para ser cumprida, necessita ser assumida tanto coletiva quanto individualmente, por todos e por cada um de nós, tanto pela SEE, pelas Diretorias de Ensino, pelas Escolas, quanto pessoalmente, isto é, como compromisso de cada um em seu papel específico: Professor, Professor Coordenador, Diretor, Supervisor, ATP, Formador, Gestor – com cada uma das crianças e adolescentes de nossas escolas.

Entretanto, se assumir essa responsabilidade é uma questão de atitude, é também uma questão de *saber fazer*. Não é possível transformar intenções e atitudes em realidades sem um conhecimento prático, que permita oferecer aos alunos possibilidades reais de aprender de modo significativo e, assim, desenvolver aprendizagens que tenham consistência e permanência, tanto na vida escolar quanto fora dela. Este material foi elaborado com essa finalidade: oferecer subsídios aos professores que atuam nas Oficinas Curriculares das Escolas de Tempo Integral para que, em sua atuação, promovam seus alunos à condição de leitores e escritores capazes. Com isso, a CENP/SEE reafirma seu próprio compromisso com essa mesma responsabilidade.

Ler para Estudar

Lendo também se aprende



Por que lemos?

- Porque somos curiosos
- Desejosos de saber
- Para conhecermos mais acerca de um assunto
- Para nos divertirmos, emocionarmos...
- Para conhecermos outros mundos possíveis e refletir sobre o próprio...
- Enfim, lemos em função de diferentes propósitos.

Se reconhecemos o papel da leitura na constituição do sujeito, no potencial de ampliação de sua dimensão psíquica, social e profissional, podemos afirmar, sem sombra de dúvida, que a escola há de ser o lugar privilegiado para desenvolver, em toda sua comunidade – alunos, professores, pais e funcionários – uma cultura em que a prática da leitura se torne o principal instrumento de acesso e de construção de saberes.

Nesse sentido, entendemos que cabe à instituição escolar tomar para si a responsabilidade de criar, em seu Projeto Pedagógico, em seus planejamentos contínuos e em suas organizações didáticas no dia-a-dia, as condições para que essa prática seja desenvolvida por seus alunos, sobretudo, de modo significativo e com crescente autonomia.

Ensiná-los a ler para atender a diferentes propósitos, e mais especificamente, a ler para estudar, exige um planejamento refinado por procedimentos que se diferenciam segundo a natureza dos propósitos e dos gêneros abordados.

A compreensão da importância e desenvolvimento efetivo dessa prática no cotidiano escolar, a da leitura e escrita, é o que pode garantir a permanência produtiva dos alunos na escola e, de certa forma, mobilizar o desejo de dar continuidade à construção do conhecimento para além da vida acadêmica, o que há de ser direito de todos.

A escola é o lugar privilegiado para desenvolver em seus alunos a prática da leitura. É responsável também por criar as condições necessárias, para que dêem continuidade à vida acadêmica ao ensiná-los a estudar. Enfim, assume explicitamente que a leitura e a escrita estão intimamente relacionadas com a permanência produtiva dos alunos na escola.

Nota-se que o investimento da escola na leitura de textos literários vem gradativamente ganhando impulso, o que revela um tamanho salto qualitativo no potencial curricular, na formação e nas interações dos nossos alunos e professores, no desenvolvimento de uma cultura escrita na escola. Contudo, observa-se que um investimento substancialmente menor tem sido feito na leitura de textos produzidos com o intuito de informar. Dentre essas publicações, citamos os jornais, enciclopédias, dicionários, revistas especializadas, textos de divulgação científica.

São os textos que podemos chamar de informativos, que possuem características bastante específicas em sua estrutura textual, e que, por isso mesmo, exigem do leitor procedimentos também muito distintos.

Nossa intenção nesta parte do documento é provocar um olhar cuidadoso para tais procedimentos, evidenciando como, nas mãos do professor, tornam-se conteúdos a serem ensinados, passo a passo, em situações didáticas planejadas para esse fim – ler para aprender.

Apresentaremos, portanto, alguns desses procedimentos didáticos necessários ao se propor aos alunos situações de aprendizagem relacionadas ao ler para aprender.

Antes, porém, vamos enfatizar um aspecto relevante no tocante às experiências leitoras para além dos textos literários.

Assim como os alunos são convidados e seduzidos à leitura prazerosa dos textos literários, como uma preparação ao seu envolvimento e entrega ao texto, também podem e devem ser mobilizados em sua curiosidade e interesse pelas coisas do mundo, da natureza, dos homens, dos animais, das sociedades, da História, e que nos são apresentados primorosamente, nos bons textos de divulgação científica.

Todavia, é muito importante que nós, professores, consideremos algo fundamental nessa relação com os textos – para gostar de lê-los é preciso aprender a lê-los. E para aprender a lê-los são necessárias muitas oportunidades em que os alunos possam participar de situações de leitura, que envolvam este gênero textual.

Atentos, observamos que muitos são os temas que provocam interesse e curiosidade nas crianças do Ensino Fundamental I. Seus interesses são bastante diversificados, envolvendo assuntos das mais diversas áreas do conhecimento, tais como: animais, como nascem os bebês, o que vemos no céu, por que chove, os dinossauros, por que quando misturamos suco à água ela muda de cor, por que o gelo derrete, quem inventou o avião, entre outros assuntos, que as ajudam a conhecer e compreender o funcionamento deste mundo como sujeitos históricos.

Por este motivo, é de extrema importância que a escola, considerando essa motivação, possibilite aos alunos uma abordagem diversificada, em que temas dessa natureza sejam tratados. Que os incentive e

os instigue a seguirem curiosos, a se fazerem perguntas sobre a vida, sobre a natureza e a sociedade, e que busquem as respostas, mesmo que provisórias, na diversidade de escritos produzidos pela cultura: livros, revistas, jornais, textos de internet, entre outros.

Ler com o objetivo de se informar, de saber sobre as coisas, pelo simples prazer de conhecer sobre o mundo à sua volta deve fazer parte do cotidiano da sala de aula, desde a mais tenra idade. Mas é fundamental que este tipo de leitura tenha um lugar privilegiado e planejado nas salas de aula de 1ª a 4ª série. Dentro desta perspectiva sugerimos:

1) **Leitura em voz alta** feita pelo professor.

- a) Curiosidades científicas
- b) Biografias
- c) Notícias e reportagens

2) **Roda de conversa** para que os alunos compartilhem com o grupo o que leram, dêem suas opiniões sobre o assunto e façam questionamentos sobre as leituras realizadas.

3) Na **sala de leitura**, possibilitar o acesso ao gênero de divulgação científica por meio da apresentação de livros não conhecidos pelos alunos, ou seja, apresentação dos livros que não foram levados para a sala de aula. É interessante ler trechos de livros cujos temas sabemos que são de interesse dos alunos. À medida que lemos às crianças, com frequência, parte dos artigos de seu interesse e que estão contidos nesses portadores, como enciclopédias, revistas especializadas e outros, passam a construir idéias do que pode estar escrito nesses tipos de texto, de como se diferenciam dos poemas e dos outros textos literários que conhecem.

4) No acervo da **sala de aula**, entre os literários, incluir também revistas e jornais. Ao trabalhar com a modalidade de projetos, manter um canto ou uma caixa organizada com os textos referentes ao tema, de modo que os alunos possam consultar, manusear, folhear e ler com autonomia, durante o tempo que passam na sala.



Os vários propósitos de leituras

A leitura como prática social é sempre um meio, nunca um fim – ler é buscar respostas a um objetivo, a uma necessidade pessoal.

Assim, a formação de um leitor pressupõe um trabalho que contemple uma diversidade de gêneros e suportes textuais, que estão presentes em diferentes contextos sociais.

Dentre as principais finalidades da leitura, Isabel Solé¹ destaca:

- Ler para obter informação precisa
- Ler para obter uma informação de caráter geral
- Ler para aprender
- Ler para revisar um escrito próprio
- Ler por prazer
- Ler para comunicar um texto a um auditório
- Ler para praticar a leitura em voz alta
- Ler para verificar o que se aprendeu

Assim, diferentes objetivos exigem diferentes textos e cada qual, por sua vez, uma modalidade de leitura. Em certos textos basta a leitura de algumas partes, buscando a informação necessária; outros é preciso ler exaustivamente várias vezes.

Há leituras em que é necessário controlar atentamente a compreensão, voltando atrás para se certificar do entendimento; há outras em que se segue adiante sem dificuldade, entregues apenas ao prazer de ler².

Assumir como objetivo de ensino e aprendizagem as práticas de linguagem, supõe conceber como conteúdos os procedimentos relacionados à competência leitora. Segundo T. Colomer & Campos, implica considerar três eixos básicos no planejamento da leitura na escola:

1. A necessidade de que os alunos leiam realmente diferentes gêneros textuais, com diferentes intenções e funções.
2. A necessidade de que o professor ajude os alunos a interpretar textos de dificuldade progressiva, de maneira que o aluno possa avançar em sua autonomia leitora.
3. A necessidade de exercitar habilidades específicas, seja para o aluno tomar consciência de sua importância, seja para chegar a automatizá-la, levando em conta que essa exercitação está sempre subordinada às necessidades de aprendizagem de uma leitura compreensiva de textos reais, sejam ou não escolares.

1. SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

2. Trechos do texto “Para ensinar a ler”. PROFA – MEC. BRASÍLIA: 2001.

Dentre as diferentes finalidades da leitura, nessa seqüência, vamos focalizar a de ler para estudar, observando as condições para planejamento de boas situações didáticas com esse propósito, o papel do professor, os procedimentos didáticos, bem como os procedimentos que os alunos precisarão desenvolver para aprender a estudar.

Cabe ainda aqui esclarecer, neste contexto, o que estamos chamando de seqüência didática.

O que é uma seqüência didática?

A seqüência didática é constituída por um conjunto de situações com continuidade e relações recíprocas. Isto quer dizer que as situações didáticas propostas devem estar estruturadas e vinculadas entre si por uma coerência interna e sentido próprio, realizada em momentos sucessivos. Myriam Nemirovsky³ propõe três tipos de possibilidades para se trabalhar com seqüências didáticas:

- a. Seqüências didáticas centradas em favorecer aprendizagens exclusivamente referidas a certa área do conhecimento.
- b. Seqüências didáticas que podem integrar conteúdos de mais de uma área do conhecimento.
- c. Seqüências didáticas centradas em determinada área do conhecimento, que podem incluir em seu desenvolvimento uma fase em que se trabalham conteúdos de outra área de conhecimento.

O que é ler para estudar?

Ler para estudar pressupõe penetrar em textos que possuem traços próprios, diferentes daqueles que caracterizam os outros textos, como, por exemplo, a leitura de um conto ou de um poema que se lê por puro prazer.

Ler um texto para estudar tem a função predominante de aprender, de se informar sobre determinado assunto. Exige uma leitura controlada, mais lenta, requer procedimentos de sublinhar, anotar, fazer esquemas etc.

A estrutura desses textos apresenta recursos lingüísticos e marcadores textuais próprios da área de conhecimento na qual se inserem.

Uma seqüência didática que tem como propósito ajudar os alunos a desenvolverem procedimentos específicos e eficazes para ler para estudar, e, conseqüentemente, aprender com os textos, pressupõe, em primeiro lugar, que o professor possibilite o acesso a uma rica variedade de materiais impressos em seus suportes originais, ou seja, revistas, jornais, sites especializados, enciclopédias, documentos históricos, entre outros.

3. NEMIROVSKY, Miriam. *O ensino da linguagem escrita*. Porto Alegre: Artmed, 2002. [está na biblio]

Os textos de divulgação científica podem apresentar uma certa complexidade para os leitores iniciantes – ao contrário dos textos fáceis que encontramos nas cartilhas ou livros didáticos em geral, mas, se apresentados aos alunos desde cedo, como aparecem em seus portadores, os alunos podem aprender com esses textos, mesmo sendo difíceis, desde que a escola ensine a eles os procedimentos adequados de leitura desse gênero.

Assim, um dos principais objetivos da seqüência é aprender mais sobre esses textos, como se estruturam, suas características e dos diferentes portadores, onde podemos encontrá-los, como as informações são organizadas, que pistas seguir para buscar informações e como localizá-las.

Por onde iniciar uma seqüência didática?

Antes de qualquer coisa, é preciso lembrar que as atividades ganham sentido quando vão ao encontro dos interesses dos alunos. Quando o tema mobiliza e instiga a curiosidade para se saber mais sobre o assunto, bem como a forma de abordar os conhecimentos prévios dos alunos.

Por isso, é importante adotar alguns procedimentos como:

1. Definir um assunto a ser pesquisado.
 - a. Os assuntos podem ser referentes a conteúdos que os alunos já estão pesquisando em aula. É necessário que se investigue, então, entre eles e seus professores, quais os temas relevantes que essas oficinas poderiam abordar, possivelmente em outra perspectiva, para contribuir com o desenvolvimento dos conteúdos estudados em sala.
 - b. Os assuntos a serem pesquisados podem ser também escolhidos juntamente com os alunos, por meio de conversas e/ou leitura de textos, sobretudo notícias de jornal ou revistas como forma de desencadear o interesse de conhecer ou de aprofundar determinado assunto.
 - c. O professor pode também, a partir de uma situação-problema, cujo conteúdo sabe que é de interesse geral dos alunos, como, por exemplo, os vulcões, os terremotos, os animais em extinção, provocar o pensamento investigativo, com perguntas, filmes, leituras de notícias sobre o assunto que se quer oferecer como mote da pesquisa.

É importante reiterar que o principal objetivo dessa seqüência é ajudar o aluno a aprender **os procedimentos de leitura** – conteúdo específico de Língua Portuguesa. A aprendizagem dos conteúdos de outras áreas é apenas o resultado da proficiência leitora, construída durante as várias atividades de leitura realizadas com os alunos.

Ler com propósitos definidos, perguntar-se sobre as coisas, investigar, buscar informações, recorrer a fontes de informação diversa são todas atitudes próprias de um comportamento leitor. Um comportamento que é desenvolvido em processo, na experiência de construir procedimentos de estudo, quando se está motivado para aprender.

2. Realizar um levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos a respeito.

a) Pode-se iniciar perguntando o que os alunos sabem sobre o assunto, numa situação de roda de conversa, por exemplo, ou selecionar algum pequeno texto a respeito, que motive os alunos a colocarem suas opiniões e idéias com espontaneidade.

Tema: Golfinhos

Série: 1ª

a) Iniciar perguntando:

O que sabemos sobre os golfinhos?

b) Selecionando um pequeno texto a respeito

Os golfinhos são fascinantes mamíferos aquáticos: além de desenvoltura no nado, dos saltos incríveis, podem aprender altos truques e realizar divertidas acrobacias.

Nas praias brasileiras nadam várias espécies de golfinhos. Uma delas virou símbolo da Baía de Guanabara. Mas os rios do Norte do Brasil, da bacia Amazônica, abrigam espécies muito particulares de golfinhos, como o boto vermelho e o tucuxi, ambos ameaçados de extinção.⁴

Vera M. F. da Silva

Centro de Pesquisas de Biologia Aquática, INPA, e Universidade de Cambridge

b) Procure garantir o fluxo da conversa sem ratificar ou negar o que as crianças dizem.

Neste momento é recomendável que o professor anote, em seu caderno de registro e/ou na lousa, as principais falas dos alunos para que possam ser confrontadas ao longo do estudo.

Se considerar relevante, preencher o seguinte quadro:

O que sabemos sobre os golfinhos?

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.

4. *Ciência Hoje na Escola*. Vol. 2, p. 48-52.

c) Deixe emergir todas as idéias, para que os próprios alunos possam, no decorrer da seqüência e a partir das leituras realizadas, confrontá-las, ampliá-las, descartá-las e/ou validá-las.

3. Selecionar materiais diversificados sobre o assunto para serem oferecidos à turma.

a) Consulte os arquivos de biblioteca da escola, do bairro, os sites especializados.

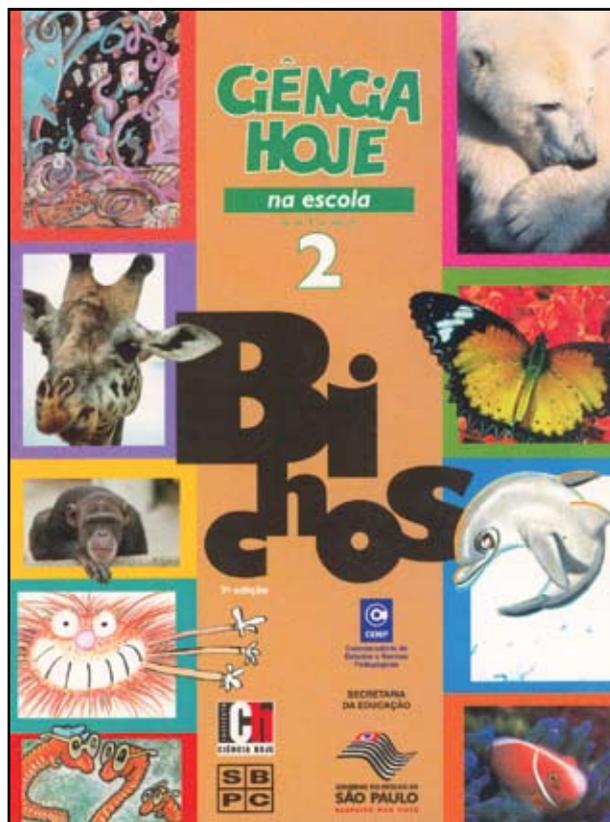
b) Planeje uma exploração geral dos materiais em pequenos grupos de alunos utilizando:

- livros que contenham os conteúdos especificamente relacionados ao tema;
- livros e revistas que incluam, em seu conteúdos, outros artigos, outros temas que não fazem parte da pesquisa;
- livros e revistas cuja informação não esteja explicitada diretamente nos títulos;
- materiais que não contenham a informação desejada;
- materiais com imagens e outros que não contenham imagens.

A seleção de materiais diversificados dependerá do conhecimento que se tem do acervo da escola. Para que os professores tenham familiaridade com o esse acervo, é importante que tenham livre acesso aos livros e às demais publicações existentes na sala de leitura. O ideal é que, semanalmente, os professores, além dos alunos, levem para ler em casa alguns livros desse acervo.

Vale aqui a recomendação da catalogação dos livros acompanhada da resenha. Esta tarefa poderá ser executada pelos próprios professores.

c) Analise as possibilidades de leitura: antecipação do assunto a partir das características dos portadores: imagens, o título, nome da coleção, nome da revista, a editora – dessa forma, os alunos podem acionar as estratégias de leitura e, assim, ajudar na compreensão do texto.



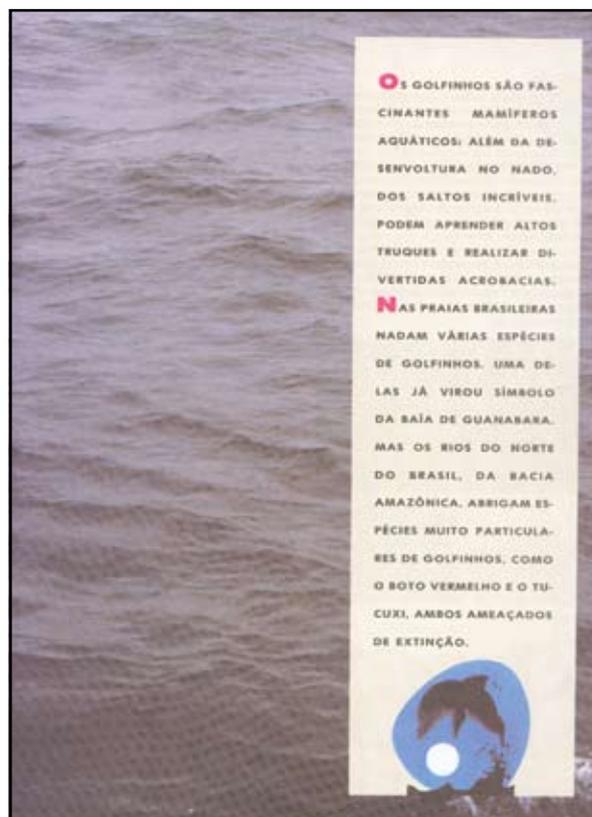
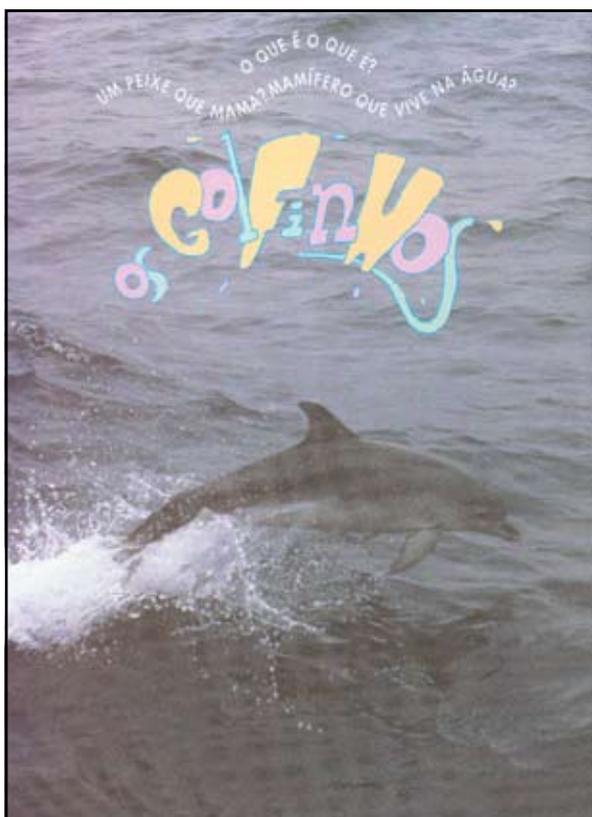
Suário

A dança das abelhas Comenda da Cruz Lardén, Instituto de Biociências/Unesp	A linguagem do pisca-pisca, três tipos de pirilampus 28 Cláudio Costa, Museu de Zoologia/USP
	Lagarto não é lagarta 31 Denise Duarte Mattos, Depto. História/USP e José Manuel Martins, Depto. Zoologia/USP
Aranhas aprendizes 12 Lúcia Massarani, Ciência Hoje	
É um graveto, é um avião? 16 Jane Margaret Costa, Focuz	Quem tem medo de cobra? 36 Ivan Santos, Depto. Zoologia/Unicamp
Borboletas urbanas 20 Leticia Cardelino	
Um exército muito bem organizado 24 Auriane Tabu de Lello, IPT	Tartaruga-marinha 45 Rafael Rosendo Sánchez Hidalgo, Teresina/SEMMA-SP

ps

	Papagaio! 73 Dante Martins Savaris, Museu Nacional/UFPA
Os golfinhos 48 Yara M. F. de Sá, Centro de Pesquisas em Biologia Aquícola/INM, Universidade de Cambridge	
Morcegos nem tão assombrados assim 54 Carlos Eshenard, Projeto Morcegos Urbanos, Rio-Zão	Quem tem medo de coruja? 78 Adriano Moreira de Castro Pimenta e Fábio Guimarães da Fonseca, Depto. Ciências Biológicas/UFMG
	Tubarões 60 Osvaldo Bianchi Fazzari, Geigy/UFPA
O peixe do céu 65 Wilson Costa, UFPA, e Daniele Castro, Ciência Hoje das Crianças	
Polvos 68 Série Barbosa dos Santos, Depto. Zoologia/UEFJ	Nem cobra nem minhoca 82 Oscar Rocha Barbosa, Biologia Animal e Vegetal/UEFJ
	Nem cobra nem minhoca II 84 Oscar Rocha Barbosa, Biologia Animal e Vegetal/UEFJ
	Índice especial 87

d) Ofereça livros aos alunos para que possam manuseá-los. Circule entre os grupos, intervindo de acordo com as questões que vão aparecendo. Nesse caso, a tarefa do professor é ajudar as crianças a coordenar as informações a partir dos textos e imagens.



e) Ao final, reúna os alunos em grupos e solicite que compartilhem com os colegas as suas hipóteses, as descobertas a respeito do assunto etc. Solicite, sempre, que justifiquem os sentidos de suas idéias, criados antes e durante a leitura e depois os validem, confrontando-os com as informações, com as suas hipóteses iniciais, com as informações contidas nos textos.

Enquanto justificam as suas respostas, os alunos podem ser solicitados a reler o trecho onde ela foi encontrada. Sendo um texto compartilhado pela classe, é importante informar a página, o parágrafo e onde se encontra a referência.

f) Recupere, oralmente, as discussões do grupo, organizando as idéias e os procedimentos realizados até o momento, quais livros ajudaram na busca das informações, o caminho realizado para chegarem até as informações desejadas.

- g) Evidencie as justificativas dos alunos, suas estratégias de leitura e as diferenças entre elas. Por exemplo, como puderam antecipar ou inferir o sentido do texto, pelas imagens ou através de outros índices, como: título, subtítulo, palavras ou frases nas capas ou nas páginas do índice.
- h) Como estratégia de checagem, o professor poderá ler, em voz alta, alguns indícios ou trechos do texto estudado, a fim de que possam confirmar ou retificar as antecipações ou expectativas de sentido criadas antes ou durante a leitura.

4 - Buscar informação específica é um procedimento de pesquisa importante e algo que se aprende em situações planejadas. Buscar uma informação com autonomia é construir expectativas em torno do que se quer saber. As expectativas geram hipóteses a respeito do assunto.

- a) Considerar as hipóteses dos alunos e transformá-las em perguntas é uma estratégia muito eficaz. Assim, os alunos compreenderão o objetivo da leitura. Saberão por que vão ler e pesquisar o assunto naquele texto.

A construção dos calendários⁵

Série: 2^a

Orientações didáticas:

- a) **Leitura do texto em voz alta.**
- b) **Propor aos alunos que, em duplas ou trios, elaborem uma questão suscitada a partir da leitura do texto.**
- c) **Continuar a leitura dos textos selecionados.**
- d) **À medida que forem avançando na leitura, retomar as perguntas para verificar se elas foram respondidas ou não.**
- e) **Registrar todas as informações consideradas importantes pelo grupo.**

Desde os tempos mais antigos, nascer e pôr-do-sol serviram para organizar a vida dos homens. Não deve ter sido muito difícil perceber que esses eram fenômenos cíclicos, que se repetiam periodicamente. Daí, para contar o tempo a partir do nascer e do pôr-do-sol, deve ter sido um passo.

Não se sabe exatamente quando os homens começaram a organizar sua vida social a partir de uma noção de tempo. Mas pode-se imaginar que a idéia de criar um calendário deve ter surgido junto com os primeiros humanos.

- b) Selecionar as obras indicadas anteriormente para planejar previamente as questões, cujas respostas podem ser encontradas nos textos.
- c) Agrupar os alunos em duplas ou trios.

Nesta atividade, os alunos recebem uma cópia do texto para leitura silenciosa. Após a leitura, as duplas ou trios conversam sobre as informações consideradas relevantes, suas impressões sobre o texto, possíveis dúvidas.

Os alunos que não lêem, convencionalmente, devem estar agrupados com os que lêem com autonomia. Um aluno do grupo lê em voz alta para que todos participem produtivamente da discussão.

- d) Oferecer pistas, a partir de uma ou mais questões, a fim de ajudar os alunos a acionarem estratégias de antecipação de sentido, apoiadas nos títulos, subtítulos, epígrafes, prefácios, sumários e também no exame de imagens.
- e) À medida que os alunos manuseiam os materiais, é interessante questioná-los e incentivá-los a descobrirem onde podem encontrar as informações desejadas.

É importante ressaltar que:

- os elementos paratextuais contidos na capa, nos títulos, subtítulos, epígrafes, sumários e outros contribuem para que o leitor possa estabelecer relações entre o que sabe e a informação contida no livro, e assim gerar expectativas de sentido em relação ao que vai ser lido;
- ensinar a buscar informações nos índices e nos sumários, que se apresentam, geralmente, no início dos livros, em forma de listas de palavras e frases curtas que tratam, que indicam quais assuntos ou conteúdos fazem parte daquele livro. Essa é uma forma privilegiada de aprendizagem da leitura, por ser uma das mais importantes práticas do comportamento leitor;
- ensina-se que o índice é um lugar onde se pode conhecer os conteúdos dos livros, mas que nem sempre aparecem também de modo direto. Poderá aparecer, de formas diferentes, se há três capítulos que falam mais exatamente do que buscamos. Por exemplo, “Os vulcões”. Quais são eles? Ou, ainda, qual é o capítulo que fala dos “vulcões famosos”? Para os leitores iniciantes, o trabalho com o uso do sumário e do índice trazem desafios importantes quando os títulos são mais complexos, ou mesmo quando não sugerem exatamente o assunto a ser tratado, sendo apresentados por meio de recursos como figuras de linguagem. Por exemplo, “O fogo das profundidades” ou “Depois do fenômeno”;
- o professor pode atribuir a cada grupo a busca de determinadas informações através de perguntas previamente preparadas em função dos conhecimentos que os alunos já construíram sobre a leitura e escrita;
- as crianças que ainda não lêem, convencionalmente, poderão realizar a atividade junto com o colega que já tem conhecimento sobre o valor sonoro das letras, sempre com a intervenção do

professor, que pode informar ou confirmar se, naquele trecho ou frase, estão as informações que procuram. Uma vez encontrada uma resposta, o professor primeiramente questiona, confronta as idéias nos grupos, e poderá ler a frase, para confirmar ou discutir os resultados da busca;

- orientar as crianças a separar o material e as páginas onde encontraram a informação buscada, utilizando marcadores de páginas.

Segundo Delia Lerner, “quando se lê para estudar, a leitura adquire uma modalidade peculiar, mais profunda, o leitor se auto-interroga sobre o que vai lendo.”

- a) Quando o professor propõe a **leitura em duplas**, garante a possibilidade de confrontar as leituras, resolver cooperativamente as dificuldades de compreensão.
- b) Quando o professor realiza a leitura do texto em voz alta para os alunos, garante a aprendizagem dos usos que se faz socialmente da leitura.
- c) Quando o professor realiza uma leitura cuidadosa do texto, chamando a atenção dos alunos para observarem os recursos lingüísticos utilizados pelo autor, está ensinando também como são escritos esses textos.
- d) Quando o professor encoraja os alunos a avançar na leitura do texto, procurando elementos que permitam uma melhor compreensão do que está sendo lido, está ensinando que é possível ler mesmo os textos difíceis.
- e) Quando o professor ensina procedimentos que os leitores experientes realizam, como utilizar marcadores para indicar páginas ou trechos relevantes para confrontar informações, comentar ou recomendar o que leu; sublinhar trechos importantes, anotar, fazer esquemas, resumir etc., mais poderá permitir que os alunos construam conhecimentos sobre procedimentos, atitudes e valores relacionados ao comportamento leitor.

Tema: Aranhas aprendizes⁶

Série: 3^a

Buscar uma informação específica

Objetivo compartilhado com os alunos: Produção escrita – Você sabia?

Orientações didáticas:

a) Ler em voz alta este pequeno texto:

As aranhas das histórias de bruxa e de assombração estão sempre obedecendo às ordens superiores. Mas nem sempre só as aranhas dessas histórias são capazes de aprender. Os pesquisadores Selene da Cunha e César Ades, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, descobriram que a *Argiope argentata*, depois de mantida no laboratório sem poder construir sua teia, volta a tecê-la assim que é solta. Isso quer dizer que estas aranhas têm uma memória genética.

- b) Propor aos alunos que discutam sobre o que trata o texto.
- c) Solicitar que explicitem se concordam ou não com a afirmação: “Estas aranhas têm uma memória genética”. O que isto quer dizer?
- d) Indicar a leitura do texto abaixo com o objetivo de responder à pergunta: As aranhas são capazes de aprender?
- e) Solicitar que grifem no texto as passagens que ajudam a responder a esta pergunta.
- f) Ao final da leitura, os grupos compartilham suas conclusões.
- g) Registrar o resultado das discussões. Um aluno escreve na lousa e os demais alunos copiam no caderno de registro.

Todos os animais, inclusive os homens, já nascem com algumas informações. Um potrinho, por exemplo, mal sai da barriga da mãe, já fica de pé e dá uns passinhos, sem que seja necessário ensiná-lo. Os primeiros passos são bem bambos. Depois, com o tempo, ficam firmes.

Um dos problemas que enfrentamos quando se estuda o comportamento de um animal é saber se determinada atitude de um animal foi aprendida ou veio da formação biológica deste animal. Não há uma regra fixa. Dependendo da espécie, o animal tem mais ou menos capacidade de aprendizado e, até onde se sabe, alguns bichos nem aprendem. Quem imagina uma ameba aprendendo? Muitos pesquisadores se perguntam se a aranha tinha capacidade de aprendizado.

Existem indícios de que as aranhas, quando ficam mais velhas, conseguem construir teias cada vez melhores do que as que teciam quando jovens. Isso significa que a aranha é capaz de aprender. Mas é preciso pesquisar mais para se ter certeza disso. É que temos a mania de “humanizar” os bichos, achando que eles têm ações e reações iguais às nossas.

A espécie de aranha estudada por César Ades e Selene da Cunha, da Universidade de São Paulo, chama-se *Argiope argentata*. Assim que saem da ooteca ou do ovissaco, as aranhas recém-nascidas ficam aglomeradas. Durante um certo tempo nem tecem nem se alimentam. Depois, soltando-se em correntes de ar, elas se dispersam e fazem suas primeiras teias quando encontram suportes apropriados na vegetação.

Numa experiência, aranhas recém-nascidas foram mantidas em laboratório e não se deixou que elas fizessem teias. Quando foram soltas, começaram normalmente a tecer. Isso indica que elas são dotadas de algo semelhante a “um programa de computador” que as leva a construir suas teias. Mas esse “programa” apenas dá instruções gerais, sem definir com muita precisão como e quando as ações devem ser feitas.

Essas lacunas vão sendo preenchidas com ‘informações’ que o animal recebe em seu contato com o mundo.

Animais que reagem apenas automaticamente ao mundo têm uma capacidade muito pequena de sobrevivência. É preciso saber mudar para poder se adaptar. Se uma aranha não tivesse a capacidade de ajustamento, ela teria que construir sempre teias do mesmo tamanho, por exemplo. Imagine o trabalhão que daria descobrir um lugar que desse para encaixar certinho aquele tamanho determinado de teia.

A teia de aranha é construída com uma espécie de seda, que é uma proteína. E quem pensa depois que a teia está pronta a aranha descansa está muito enganado. A cada dois ou três dias, a aranha aglutina todos os fios e refaz a teia. Para tal, ela usa um bocado de “teia reciclada”.

Sabe como se descobriu isso? Uma equipe norte-americana fez um experimento com a espécie *Araneus diadematus*. As teias delas eram marcadas com substâncias radioativas. No dia seguinte, podia-se detectar radioatividade, o que indicava que a seda ingerida pela aranha tinha sido reaproveitada. É claro também que, quando perdem suas teias, as aranhas são capazes de sintetizar toda a seda necessária para fazer novas teias.

Embora às vezes construa as suas teias de forma inclinada, quando está em ambiente natural, a *Argiope argentata* quase sempre as constrói próximo ao plano vertical. Na teia, a aranha fica na parte de baixo, o que facilita as fugas precipitadas em queda livre.

Nos testes que foram feitos em laboratório, induzimos aranhas dessa espécie a tecerem no sentido horizontal. Para conseguir isso, bastou deitar a caixa em que elas ficavam. Num primeiro momento, a *Argiope argentata* nada fez. Depois, teceu uma teia muito malfeita. E foi melhorando, melhorando, até que construí uma teia perfeita.

Será que estava realmente aprendendo ou, no começo, ficou desorientada com a mudança?

Luis Massarani

Ciência Hoje

Atividades permanentes - Práticas de leitura de textos literários

A maioria de nossos alunos tem acesso ao mundo dos livros de forma mais efetiva na escola. Por isso, a grande responsabilidade de se fazer com que esse acesso seja o melhor possível, e, que a aprendizagem da leitura se efetive em seus mais diversos matizes: do ler para aprender, ler para se obter informação, ao ler por puro prazer.

Dáí o grande desafio, que se coloca no espaço escolar, além de tantos outros, é o de possibilitar aos alunos navegar com prazer nessa prática cultural da leitura de textos, mesmo antes de saber ler convencionalmente.

Na verdade, quanto mais contato os alunos tiverem com a leitura, presenciarem atos de leitura, mais puderem pensar sobre a linguagem que se escreve, mais rápido se apropriarão da escrita.

Nesse caso, a **Hora da Leitura na Escola de Tempo Integral** tem um destaque muito especial: por meio da leitura do professor, possibilitar a imersão dos alunos na cultura escrita, particularmente o contato com textos literários: conto, romance, crônica, poema e texto dramático. Sabemos que esses **gêneros** cumprem funções sociais específicas e conseqüentemente geram práticas de leitura na escola, que tem como objetivo específico o desfrute do prazer de escutar ou ler um bom livro, uma boa história. Dessa forma, a literatura transita pelos espaços da escola de forma agradável, através da voz do professor, que mostra aos alunos como um leitor experiente se comporta diante um texto bonito, agradável, que provoca, choca – faz brotar a emoção dos ouvintes ou leitores.

Quem não se encanta ao ouvir ou ler um texto como este?

O objetivo deste texto é contribuir para o planejamento das ações do professor responsável pela Hora da Leitura na Escola de Tempo Integral, a partir de **seqüências didáticas**, direcionadas ao domínio das habilidades da leitura nos diferentes anos da escolaridade.

A leitura como atividade permanente na rotina da Escola de Tempo Integral – Por quê e para quê?

1. Leitura em voz alta pelo professor

Quando o professor lê em voz alta para seus alunos, está assumindo um dos desafios mais importantes da escola: **formar leitores** – ajudar os alunos a aprender comportamentos de leitores experientes. Além de considerar os **propósitos sociais** da leitura – ler para se encantar, ou para se entreter, ou para se emocionar – também por trás dessa ação estão os **propósitos didáticos**, ou seja, o que se quer que o aluno aprenda quando participa desta ou daquela situação de leitura:

- compreender o propósito social da escrita;
- ampliar o repertório lingüístico;
- aprender comportamentos leitores de leitores experientes;
- habituar-se com o estilo mais formal da linguagem escrita;
- apropriar-se das características lingüísticas que diferenciam a linguagem escrita da linguagem falada;
- conhecer mais sobre o estilo de um determinado autor, enfim, conhecer a linguagem que está escrita nos livros;
- apreciar a linguagem literária etc.

Considerando a importância da Hora da Leitura como atividade permanente, além de favorecer a aproximação dos alunos a diferentes gêneros, que não abordariam por si mesmos, por causa de sua

extensão, complexidade ou mesmo porque ainda não sabem ler convencionalmente, o professor tem um papel importante, o de comunicar comportamentos de leitores experientes. Isto é, ele é modelo de ações, expressões, atitudes frente aos textos que circulam socialmente.

Delia Lerner nos ensina a importância de mostrar aos alunos como os leitores experientes agem diante desses textos.

Comportamento leitor⁷

Entre os comportamentos do leitor que implicam interações com outras pessoas acerca dos textos, encontram-se, por exemplo, os seguintes:

- comentar ou recomendar o que se leu;
- compartilhar a leitura;
- confrontar com outros leitores as interpretações geradas por um livro ou uma notícia e discutir sobre as intenções implícitas nas manchetes de certo jornal.

Entre os mais privados, por outro lado, encontram-se comportamentos como:

- antecipar o que segue no texto;
- reler um fragmento anterior para verificar o que se compreendeu, quando se detecta uma incongruência;
- saltar o que não se entende ou não interessa e avançar para compreender melhor;
- identificar-se com o autor ou distanciar-se dele assumindo uma posição crítica;
- adequar a modalidade da leitura – exploratória ou exaustiva, pausada ou rápida, cuidadosa ou descompromissada – aos propósitos que se perseguem e ao texto que se está lendo.

Dentre os aspectos importantes da aprendizagem da Língua, o destaque dado à **leitura como prática permanente na escola** implicará na reorganização de materiais, do espaço e dos procedimentos didáticos, a fim de construir um ambiente que facilite a imersão dos alunos na cultura escrita:

a) **organização de um acervo de textos** contemplando diferentes gêneros, que circulam em nossa cultura, incluindo boa seleção de livros de literatura infantil já existentes na escola, colocando-os ao alcance dos alunos para que possam manuseá-los, explorá-los, lê-los, compartilharem as leituras no espaço escolar e também no espaço familiar;

7. LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*, página 62.

b) **inserção, na rotina diária**, de momentos de leitura de um texto selecionado, preparado com antecedência pelo professor, para que os alunos possam desfrutar do universo mágico da linguagem literária. Esses momentos podem ser alternados pela leitura que os alunos realizam por si mesmos, mobilizando os seus critérios de escolha dos textos e ou livros e diferentes estratégias para a leitura.

Quando o professor convida o aluno a escutar ou a ler um bom texto, tal procedimento possibilita o desenvolvimento da competência leitora, além de oferecer a ele a oportunidade de apreciar bons textos, conhecer autores consagrados por seus estilos e pela maneira peculiar de lidar com a linguagem, através da leitura do professor e ou do adulto leitor;

c) **seleção dos livros**: ao escolher o livro, é importante que o professor considere e avalie a qualidade literária da obra – ou seja, uma história envolvente, provida de nó dramático, de vocabulário complexo, de dilemas, conflitos, encantamento, humor, surpresas, enfim, provida de elementos que tocam o ouvinte ou o leitor.

Assim, a escolha do que se vai ler para os alunos deve ser criteriosa, levando em conta a ampla variedade de textos de uso social e toda a diversidade em cada gênero e autores: contos, romances, lendas, fábulas, poemas, crônicas, textos dramáticos etc.

É importante ressaltar: se o professor optar por livros que apresentam histórias mais curtas, com farta ilustração, moralizantes, com vocabulário simplificado, elas não são os melhores textos, ao nosso ver, para ajudar os alunos a estabelecer uma relação mais profunda com a literatura, além de não permitir que eles apreciem uma narrativa complexa e vivenciem as surpresas da linguagem das histórias bem escritas, enfim, esses textos não convocam, não apaixonam o leitor.⁸

A título de exemplo, selecionamos duas versões do conto “A bela adormecida”, para que se possa observar as questões apresentadas acima. Qual é o melhor para oferecer aos seus alunos? Por quê?

Primeira versão: (Irmãos Grimm)

Bela adormecida

Era uma vez, há muito tempo, um rei e uma rainha jovens, poderosos e ricos, mas pouco felizes, porque não tinham filhos.

– Se pudéssemos ter um filho! – suspirava o rei.

– E se Deus quisesse, que nascesse uma menina! – animava-se a rainha.

– E por que não gêmeos? Acrescentava o rei.

Mas os filhos não chegavam, e o casal real ficava cada vez mais triste. Não se alegravam

8. Aprender a linguagem que se escreve, PROFA 2000.

nem com os bailes da corte, nem com as caçadas, nem com os gracejos dos bufões, e em todo o castelo reinava uma grande melancolia.

Mas, numa tarde de verão, a rainha foi banhar-se no riacho que passava no fundo do parque real. E, de repente, pulou para fora da água uma rãzinha.

– Majestade, não fique triste, o seu desejo se realizará logo: daqui a um ano a senhora dará à luz uma menina.

E a profecia da rã se concretizou. Alguns meses depois nasceu uma linda menina. O rei, louco de felicidade, chamou-a Flor Graciosa e preparou a festa de batizado. Convidou uma multidão de súditos: parentes, amigos, nobres do reino e, como convidadas de honra, as fadas que viviam nos confins do reino: treze. Mas, quando os mensageiros iam saindo com os convites, o camareiro-mor correu até o rei, preocupadíssimo.

– Majestade, as fadas são treze, e nós só temos doze pratos de ouro. O que faremos? A fada que tiver de comer no prato de prata, como os outros convidados, poderá se ofender. E uma fada ofendida...

O rei refletiu longamente e decidiu:

– Não convidaremos a décima terceira fada – disse, resoluto. – Talvez nem saiba que nasceu a nossa filha e que daremos uma festa. Assim não teremos complicações.

Partiram somente doze mensageiros, com convites para doze fadas, conforme o rei resolvera.

No dia da festa, cada uma delas chegou perto do berço em que dormia Flor Graciosa e ofereceu à recém-nascida um presente maravilhoso.

– Será a mais bela moça do reino – disse a primeira fada, debruçando-se sobre o berço.

– E a de caráter mais justo – acrescentou a segunda.

– Terá riquezas a perder de vista – proclamou a terceira.

– Ninguém terá o coração mais caridoso que o seu – afirmou a quarta.

– A sua inteligência brilhará como um sol – comentou a quinta.

Onze fadas já tinham desfilado em frente ao berço; faltava somente uma (entretida em tirar uma mancha do vestido, no qual um garçom desajeitado tinha virado uma taça de sorvete) quando chegou a décima terceira, aquela que não tinha sido convidada por falta de pratos de ouro.

Estava com a expressão muito sombria e ameaçadora, terrivelmente ofendida por ter sido excluída. Lançou um olhar maldoso para Flor Graciosa, que dormia tranqüila, e disse em voz baixíssima:

– Aos quinze anos a princesa vai se ferir com o fuso de uma roca e morrerá.

E foi embora, deixando um silêncio desanimador. Então aproximou-se a décima segunda fada, que devia ainda oferecer seu presente.

– Não posso cancelar a maldição que agora atingiu a princesa. Tenho poderes só para modificá-la um pouco. Por isso, a Flor Graciosa não morrerá; dormirá por cem anos, até a chegada de um príncipe que a acordará com um beijo. Passados os primeiros momentos de espanto e temor, o rei, considerada a necessidade de tomar providências, instituiu uma lei severa: todos os instrumentos de fiação existentes no reino deveriam ser destruídos. E, daquele dia em diante, ninguém mais fiava, nem linho, nem algodão, nem lã. Ninguém além da torre do castelo.

Flor Graciosa crescia, e os presentes das fadas, apesar da maldição, estavam dando resultados. Era bonita, boa, gentil e caridosa, os súditos a adoravam.

No dia em que completou quinze anos, o rei e a rainha estavam ausentes, ocupados numa partida de caça. Talvez, quem sabe, em todo esse tempo tivessem até esquecido a profecia da fada malvada.

Flor Graciosa, porém, estava se aborrecendo por estar sozinha e começou a andar pelas salas do castelo. Chegando perto de um portãozinho de ferro que dava acesso à parte de cima de uma velha torre, abriu-o, subiu a longa escada e chegou, enfim, ao quartinho.

Ao lado da janela estava uma velhinha de cabelos brancos, fiando com o fuso uma meada de linho. A garota olhou, maravilhada. Nunca tinha visto um fuso.

– Bom dia, vovozinha.

– Bom dia a você, linda garota.

– O que está fazendo? Que instrumento é esse?

Sem levantar os olhos do seu trabalho, a velhinha respondeu com ar bonachão:

– Não está vendo? Estou fiando!

A princesa, fascinada, olhava o fuso que girava rapidamente entre os dedos da velhinha.

– Parece mesmo divertido esse estranho pedaço de madeira que gira assim rápido. Posso experimentá-lo também?

Sem esperar resposta, pegou o fuso. E, naquele instante, cumpriu-se o feitiço. Flor Graciosa furou o dedo e sentiu um grande sono. Deu tempo apenas para deitar-se na cama que havia no aposento, e seus olhos se fecharam.

Na mesma hora, aquele sono estranho se difundiu por todo o palácio.

Adormeceram no trono o rei e a rainha, recém-chegados da partida de caça.

Adormeceram os cavalos na estrebaria, as galinhas no galinheiro, os cães no pátio e os pássaros no telhado.

Adormeceu o cozinheiro que assava a carne e o servente que lavava as louças; adormeceram os cavaleiros com as espadas na mão e as damas que enrolavam seus cabelos.

Também o fogo que ardia nos braseiros e nas lareiras parou de queimar, parou também o vento que assobiava na floresta. Nada e ninguém se mexia no palácio, mergulhado em profundo silêncio.

Em volta do castelo surgiu rapidamente uma extensa mata. Tão extensa que, após alguns anos, o castelo ficou oculto. Nem os muros apareciam, nem a ponte levadiça, nem as torres, nem a bandeira hasteada que pendia na torre mais alta.

Nas aldeias vizinhas, passava de pai para filho a história de Flor Graciosa, a bela adormecida que descansava, protegida pelo bosque cerrado. Flor Graciosa, a mais bela, a mais doce das princesas, injustamente castigada por um destino cruel.

Alguns, mais audaciosos, tentaram sem êxito chegar ao castelo. A grande barreira de mato e espinheiros, cerrada e impenetrável, parecia animada por vontade própria: os galhos avançavam para cima dos coitados que tentavam passar: seguravam-nos, arranhavam-nos até fazê-los sangrar, e fechavam as mínimas frestas. Aqueles que tinham sorte conseguiam escapar, voltando em condições lastimáveis, machucados e sangrando. Outros, mais teimosos, sacrificavam a própria vida.

Um dia, chegou nas redondezas um jovem príncipe, bonito e corajoso. Soube pelo bisavô a história da bela adormecida que, desde muitos anos, tantos jovens procuravam em vão alcançar.

– Quero tentar eu também a aventura – disse o príncipe aos habitantes de uma aldeia pouco distante do castelo.

Aconselharam-no a não ir.

– Ninguém nunca conseguiu!

– Outros jovens, fortes e corajosos como você, falharam...

– Alguns morreram entre os espinheiros...

– Desista!

– Eu não tenho medo – afirmou o príncipe. – Eu quero ver Flor Graciosa.

No dia em que o príncipe decidiu satisfazer a sua vontade se completavam justamente os cem anos da festa do batizado e das predições das fadas. Chegara, finalmente, o dia em que a bela adormecida poderia despertar.

Quando o príncipe se encaminhou para o castelo viu que, no lugar das árvores e galhos cheios de espinhos, se estendiam aos milhares, bem espessas, enormes carreiras de flores perfumadas. E mais, aquela mata de flores cheirosas se abriu diante dele, como para encorajá-lo a prosseguir; e voltou a se fechar logo, após sua passagem.

O príncipe chegou em frente ao castelo. A ponte levadiça estava abaixada e dois guardas dormiam ao lado do portão, apoiados nas armas. No pátio havia um grande número de cães, alguns deitados no chão, outros encostados nos cantos; os cavalos que ocupavam as estrebarias dormiam em pé.

Nas grandes salas do castelo reinava um silêncio tão profundo que o príncipe ouvia sua própria respiração, um pouco ofegante, ressoando naquela quietude. A cada passo do prínci-

pe se levantavam nuvens de poeira.

Salões, escadarias, corredores, cozinha... Por toda parte, o mesmo espetáculo: gente que dormia nas mais estranhas posições. E todos exibiam as roupas que haviam sido moda exatamente há cem anos.

O príncipe perambulou por longo tempo no castelo. Enfim, achou o portãozinho de ferro que levava à torre, subiu a escada e chegou ao quartinho em que dormia Flor Graciosa. A princesa estava tão bela, com os cabelos soltos, espalhados nos travesseiros, o rosto rosado e risonho. O príncipe ficou deslumbrado. Logo que se recobrou se inclinou e deu-lhe um beijo.

Imediatamente, Flor Graciosa abriu os olhos e olhou a sua volta, sorrindo:

– Como eu dormi! Agradeço por você ter chegado, meu príncipe.

Na mesma hora em que Flor Graciosa despertava, o castelo todo também acordou. O rei e a rainha correram para trocar os trajes de caça empoeirados, os cavalos na estrebaria relincharam forte, reclamando suas rações de forragem, os cães no pátio começaram a ladrar, os pássaros esvoaçaram, deixando seus esconderijos sob os telhados e voando em direção ao céu.

Acordou também o cozinheiro que assava a carne; o servente, bocejando, continuou lavando as louças, enquanto as damas da corte voltavam a enrolar seus cabelos. Também dois moleques retomaram a briga, voltando a surrar-se com força.

O fogo das lareiras e dos braseiros subiu alto pelas chaminés, e o vento fazia murmurar as folhas das árvores.

Logo, o rei e a rainha correram à procura da filha e, ao encontrá-la, chorando, agradeceram ao príncipe por tê-la despertado do longo sono de cem anos.

O príncipe, então, pediu a mão da linda princesa que, por sua vez, já estava apaixonada pelo seu valente salvador.

Como se pode observar, este conto mantém a ordem canônica dos contos tradicionais, ou seja, preserva as marcas da linguagem que se escreve: nos diálogos, no uso dos verbos *discendi* (suspirava, animava-se, acrescentou, proclamou, afirmou, comentou) como recurso de marcar gramaticalmente a atitude do falante, expressos em termos de desejo, possibilidades ou certeza.

– *Se pudéssemos ter um filho!* – *suspirava o rei.*

– *E se Deus quisesse, que nascesse uma menina!* – *animava-se a rainha.*

– *E por que não gêmeos?* – *acrescentava o rei.*

– *Será a mais bela moça do reino* – *disse a primeira fada, debruçando-se sobre o berço.*

– *E a de caráter mais justo* – *acrescentou a segunda.*

– *Terá riquezas a perder de vista* – *proclamou a terceira.*

- *Ninguém terá o coração mais caridoso que o seu – afirmou a quarta.*
- *A sua inteligência brilhará como um sol – comentou a quinta.*

Outro recurso de linguagem escrita, o verbo anteposto ao sujeito que fala, confere mais *status* ao texto, no sentido de romper com recursos utilizados na linguagem coloquial “ele disse, ele falou, etc.”

- Se pudessemos ter um filho! – suspirava o rei.*
- *E se Deus quisesse, que nascesse uma menina! – animava-se a rainha.*
- *E por que não gêmeos? – acrescentava o rei.*
- *Será a mais bela moça do reino – disse a primeira fada, debruçando-se sobre o berço.*
- *E a de caráter mais justo – acrescentou a segunda.*
- *Terá riquezas a perder de vista – proclamou a terceira.*
- *Ninguém terá o coração mais caridoso que o seu – afirmou a quarta.*
- *A sua inteligência brilhará como um sol – comentou a quinta.”*

Pode-se destacar, também, a relação dos organizadores textuais, responsáveis pela fluência do texto, que têm a função de marcar as relações de concomitância anterioridade e posteridade entre os episódios:

Segunda versão – texto adaptado dos Irmãos Grimm

Bela adormecida

Quando a princesa Aurora nasceu, o rei e a rainha fizeram uma festa para o seu batizado e convidaram todas as fadas do reino. Cada fada presenteou a princesa com um dom: beleza, bondade, alegria, inteligência e amor.

De repente, apareceu a bruxa Malévola, furiosa por não ter sido convidada para a festa.

Disse para a rainha:

— Quando a princesa completar quinze anos espetará o dedo no fuso de uma roca e morrerá!

A fada Flora, que ainda não havia dado seu presente, conseguiu modificar o feitiço de Malévola dizendo:

— A princesa não morrerá, dormirá um sono profundo até que o beijo de um príncipe a desperte.

O rei ordenou que todas as rocas do reino fossem destruídas. E pediu que as fadas protegessem a princesa.

A princesa crescia feliz, cada vez mais bela e amorosa.

No mesmo instante todos no castelo adormeceram. Com o tempo uma imensa floresta cresceu ao redor do castelo.

Muito anos depois, um príncipe de um país vizinho, que ouvira falar da história da Bela Adormecida, resolveu então encontrar este castelo.

Corajoso, o príncipe atravessou a floresta e achou o castelo. Entrou, e espantado viu que todos dormiam, até os animais.

Subiu a escada da torre e encontrou a princesa.

Em uma cama de ouro, dormia a mais linda jovem que ele tinha visto.

O príncipe ficou apaixonado e aproximando-se dela, beijou-a.

No mesmo instante, a princesa Aurora despertou e com ela todo o reino. Poucos dias depois, a princesa Aurora e o príncipe se casaram e foram felizes para sempre.

Esta versão, com o propósito de oferecer aos pequenos um texto mais fácil, curto, não tem os atributos da primeira versão. A narrativa é linear, bem próxima da linguagem coloquial, desprovida dos recursos lingüísticos próprios do conto de fadas. São histórias que encantam crianças e adultos através dos atributos da linguagem que se escreve.

d) Organização do tempo e do espaço: leitura diária com um tempo de duração que não ultrapasse 20 minutos, para que não se comprometa a realização de outras atividades nas oficinas. A leitura iniciada pode ter continuidade na aula seguinte, parando sempre no trecho que deixa o ouvinte com um “gostinho de quero mais”. Por exemplo: o espaço onde a turma vai ouvir a leitura deve ser bem cuidado: sala de aula, pátio, biblioteca, um canto gostoso da escola, debaixo das árvores, sentados no chão em roda, nas carteiras, sentados ou deitados em tapetes e outros.

Seqüências didáticas relacionadas à Hora da Leitura

No planejamento da **Hora da Leitura em voz alta realizada pelo professor**, envolvendo o texto literário, é importante garantir:

A preparação da leitura com antecedência

Ler em voz alta exige preparação, ensaio e conhecimento minucioso do texto a ser lido. A adequação do tom de voz, o ritmo de leitura, a pronúncia das palavras e o envolvimento com o texto⁹ merecem atenção especial. No caso da leitura de um livro em capítulos, por exemplo, é muito importante selecionar quais são os

melhores trechos (instigantes, que geram suspense) para interromper a leitura e continuar no dia seguinte.

Antes de iniciar a leitura

- Informe os alunos sobre o texto que será lido, se é um conto de fadas, de assombração, uma crônica, poesia ou romance, para que possam antecipar a trama da história ou o gênero através da formatação do texto.
- Mostre o livro, explorando a capa, orelha, contra-capas, imagens etc.
- Comente sobre o autor, sua obra, seu estilo, enfim, sobre o motivo que o levou a escolher o texto.

Esses procedimentos ajudam o aluno a se interessar pela escuta da leitura e a antecipar significados do texto.

Durante a leitura é importante que o professor:

- comente as passagens que lembram outras histórias/personagens, sentimentos, lembranças suscitadas pelo texto;
- leia o texto na íntegra, sem omissões de trechos ou substituição de palavras difíceis por sinônimos;
- interrompa a leitura em um trecho interessante, instigante da história e peça que os alunos tentem antecipar o que vai acontecer no momento seguinte;
- pare para apreciar a linguagem do autor, os recursos lingüísticos que utilizou para deixar o texto mais bonito;
- informe os alunos onde parou a leitura, número da página, colocando um marcador de páginas;
- faça um breve comentário sobre o trecho lido, preparando os alunos para a continuidade da leitura na aula seguinte;
- reinicie a leitura na aula seguinte, lembrando a parte lida de forma breve ou relendo alguns trechos. Poderá também convidar os alunos para folhearem o livro, observarem as ilustrações etc.

Ao final

- Deixe os alunos manusearem o livro, compararem com outras histórias ou, simplesmente, deixe-os sem comentar nada.

Lembre-se de que o objetivo dessa leitura é permitir que os alunos descubram o prazer de ouvir ou de ler um texto. É por meio da literatura de ficção e da poesia que se constrói uma relação estreita com o mundo fantástico da linguagem.

2. A Roda de leitura de textos literários

É uma situação didática em que os alunos tecem comentários sobre as leituras realizadas durante a semana, livros do acervo da biblioteca ou trazidos de casa. Comenta-se sobre os personagens, a trama, os sentimentos despertados, enfim, o que os levou a gostar daquele livro. A idéia é de que, nesse momento, aqueles alunos que ainda não se aproximaram dos livros sejam convidados a ler para conferir a indicação dos colegas ou do professor.

Gostar de ler é algo que se aprende no espaço escolar, com o professor e com os colegas. Assim, a roda de leitura é o momento em que os alunos podem construir uma relação prazerosa com os livros. É muito importante que haja uma organização na roda, por exemplo, ter alguns critérios combinados com os alunos (a necessidade de silêncio, de ouvir o outro, esperar sua vez de falar), mas é preciso tomar cuidado para não burocratizá-la a ponto de tirar o interesse dos alunos por essa atividade.

Para o momento da socialização dos livros lidos pelo grupo, é importante o professor planejar estratégias diferentes, ampliando assim as possibilidades de trocas e conversas entre os alunos para além da tão conhecida: *Comentem o que mais gostaram do livro lido*. Para esse momento de socialização é possível pensar em outras possibilidades, tais como:

- *Hoje quem irá comentar sobre os livros lidos são os alunos que leram sobre contos de aventura.*

Ou...

- *Hoje quem irá comentar serão os alunos que não gostaram dos livros lidos por algum motivo em especial.*
- *Hoje os comentários serão feitos pelos alunos que gostaram muito dos livros lidos por algum motivo em especial.*
- *Hoje vocês irão recomendar o livro lido, destacando no mínimo três motivos para que seus amigos não deixem de conhecê-lo.*

Sugestões de livros para a Hora da Leitura

<p>Contos de encantamento</p> <ul style="list-style-type: none"> • A princesa de Bambuluá • O marido da mãe d'água / A princesa e o gigante • Maria Gomes • Couro de piolho 	Luís da Câmara Cascudo	Global
Contos tradicionais do Brasil	Luís da Câmara Cascudo	Global
O Sitio do Picapau Amarelo e outros (obra completa)	Monteiro Lobato	Brasiliense
Contos de Andersen	Hans Christian Andersen	Paz e Terra
Contos de Grimm	Irmãos Grimm	Companhia das Letrinhas
O menino maluquinho	Ziraldo	Melhoramentos
<p>Para Gostar de Ler - Júnior</p> <p>Festa de criança</p> <ul style="list-style-type: none"> • Experiência • Nomes • Festa de aniversário • A mentira 	Luís Fernando Veríssimo	Ática
Contos de fadas tradicionais	Helen Cresswell	Martins Fontes
<p>O velho, o menino e o burro & outra histórias caipiras</p> <ul style="list-style-type: none"> • O velho, o menino e o burro • Uns perus pro seu juiz • Dona Chiquinha, a mexeriqueira de Xique-xique 	Ruth Rocha	FTD
<p>Meu livro de Folclore</p> <ul style="list-style-type: none"> • O macaco e a velha • Os três namorados da princesa • Sapo com medo d'água 	Ricardo Azevedo	Ática

<p>Armazém do Folclore</p> <ul style="list-style-type: none"> • A princesa que se perdeu na floresta • Três moços malvados • A história do príncipe Luís • A bruxa • O vaqueiro que não sabia mentir • O bicho-papão 	Ricardo Azevedo	Ática
<p>Contos e lendas de amor</p> <ul style="list-style-type: none"> • As lágrimas de Potira • O cacto e o junco • História do Deus Sol e a Rainha das Águas • Maria Pamonha • Guanania e Sotomayor 	Co-edição latino-americana	Ática
<p>Para Gostar de Ler - Júnior</p> <p>Rick e a girafa</p> <ul style="list-style-type: none"> • No ônibus • No aeroporto • A doida 	Carlos Drummond de Andrade	Ática
<p>Príncipes e Princesas, Sapos e Lagartos</p> <p>Histórias modernas de tempos antigos</p> <ul style="list-style-type: none"> • O dragão que era lagarto • Miranda e Leo Lorival • O sapo que foi e voltou • O casamento do príncipe Arnaldo 	Flávio de Souza	FTD
<p>Contos populares para crianças da América Latina</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sopa de pedras • Domingo sete • Pedro Rimalles, o curandeiro • João Bobo e o segredo da princesa 	Co-edição latino-americana	Ática
<p>Contos de animais fantásticos</p> <ul style="list-style-type: none"> • A boitatá • O homem-jacaré • A namorada do peixinho • O lagarto de ouro • O cavaliño de sete cores 	Co-edição latino-americana	Ática

Para Gostar de Ler - Júnior Cara ou coroa • Espinha de peixe • A vingança da porta	Fernando Sabino	Ática
---	-----------------	-------

Textos exemplares da boa linguagem no estilo de autores consagrados

A aranha¹⁰

Orígenes Lessa

– Quer assunto para um conto? – perguntou Enéias, cercando-me no corredor.

Sorri.

– Não, obrigado.

– Mas é assunto ótimo, verdadeiro, vivido, acontecido, interessantíssimo!

– Não, não é preciso... Fica para outra vez...

– Você está com pressa?

– Muita!

– Bem, de outra vez será. Dá um conto estupendo. E com esta vantagem: Aconteceu... É só florear um pouco.

– Está bem... Então... até logo... Tenho que apanhar o elevador...

Quando me despedia, surge um terceiro. Prendendo-me à prosa. Desmoralizando-me a pressa.

– Então, o que há de novo?

– Estávamos batendo papo... Eu estava cedendo, de graça, um assunto notável para um conto. Tão bom, que até comecei a esboçá-lo, há tempos. Mas conto não é gênero meu – continuou o Enéias, os olhos muito azuis transbordando de generosidade.

– Sobre o quê? – perguntou o outro.

Eu estava frio. Não havia remédio. Tinha que ouvir, mais uma vez, o assunto.

– Um caso passado. Conheceu o Melo, que foi dono de uma grande torrefação aqui em São Paulo, e tinha uma ou várias fazendas pelo interior?

Pergunta dirigida a mim. Era mais fácil concordar:

– Conheci.

– Pois olhe. Foi com o Melo. Quem contou foi ele. Esse é o maior interesse do fato. Coisa vivida.

10. LESSA, Orígenes. A aranha. In: *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 1991, páginas 16 a 22.

Batatal¹¹. Sem literatura. É só utilizar o material, e acrescentar uns floreios, para encher, ou para dar mais efeito. Eu ouvi a história, dele mesmo, certa noite, em casa do velho. Não sei se você sabe que o Melo é um violinista famoso. Um artista. Tenho conhecido poucos violões tão bem tocados quanto o dele. Só que ele não é profissional nem fez nunca muita questão de aparecer. Deve ter tocado em público poucas vezes. Uma ou duas, até, se não me engano, no Municipal. Mas o homem é um colosso. O filho está aí, confirmando o sangue... fazendo sucesso.

– Bem... eu vou indo... Tenho encontro marcado. Fica a história para outra ocasião. Não leve a mal.

– Você sabe: eu sou escravo...

– Ora essa! Claro! Até logo.

Palmadinha no ombro dele. Palmadinha no meu. Chamei o elevador.

– É um caso único no gênero – continuou Enéias para o companheiro. – O Melo tinha uma fazenda, creio que na Alta Paulista. Passava lá enormes temporadas, sozinho, num casarão desolador. Era um verdadeiro deserto. E como era natural, distração dele era o violão velho de guerra. Hora livre, pinho no braço, dedada nas cordas. No fundo, um romântico, um sentimental. O pinho dele soluça mesmo. Geme de doer. Corta a alma. É contagiante, envolvente, de machucar. Ouvi-o tocar várias vezes. A Madrugada que Passou, O Luar do Sertão, e tudo quanto é modinha sentida que há por aí tira até lágrima da gente, quando o Melo toca...

– Completo! – gritou o ascensorista, de dentro do elevador, que não parou, carregando com gente que vinha do décimo andar, acotovelando-se de fome.

Apertei três ou quatro vezes a campainha, para assegurar o meu direito à viagem seguinte.

Enéias continuava:

– E não é só modinha... Os clássicos. Música no duro... Ele tira Chopin e até Beethoven. A Taran-tela de Liszt é qualquer coisa, interpretada pelo Melo... Pois bem... (Isto foi contado por ele, hein! Não estou inventando. Eu passo a coisa como recebi.) Uma noite, sozinho na sala de jantar, Melo puxou o violão, meio triste, e começou a tocar. Tocou sei lá o quê. Qualquer coisa. Sei que era toada melancólica. Acho que havia luar, ele não disse. Mas quem fizer o conto pode pôr luar. Carregando, mesmo. Sempre dá mais efeito. Dá ambiente.

O elevador abriu-se. Quis entrar.

– Sobel!

Recuei.

– Você sabe: nessa história de literatura, o que dá vida é o enchimento, a paisagem. Um tostão de lua, duzentão de palmeira, quatrocentos de vento sibilando na copa das árvores, é barato e agrada sempre... De modo que quem fizer o conto deve botar um pouco de tudo isso. Eu dou só o esqueleto. Quem quiser que aproveite. O Melo estava tocando. Luz, isso ele contou, fraca. Produzida na própria fazenda. Você conhece iluminação de motor. Pisca-pisca. Luz alaranjada.

– A luz alaranjada não é do motor, é do...

– Bem, isso não vem ao caso... Luz vagabunda. Fraquinha...

11. Gíria: certo, exato, seguro.

– Desce!

Dois sujeitos, que esperavam também, precipitaram-se para o elevador.

– Completo!

– O Melo estava tocando... Inteiramente longe da vida. De repente, olhou para o chão. Poucos passos adiante, enorme, cabeluda, uma aranha caranguejeira. Ele sentiu um arrepio. Era um bicho horrível. Parou o violão para dar um golpe na bruta. Mal parou, porém, a aranha, com uma rapidez incrível, fugiu, penetrando numa frincha da parede, entre o rodapé e o soalho. O Melo ficou frio de horror. Nunca tinha visto aranha tão grande, tão monstruosa. Encostou o violão. Procurou um pau, para maior garantia, e ficou esperando. Nada. A bicha não saía. Armou-se de coragem. Aproximou-se da parede, meio de lado, começou a bater na entrada da fresta para ver se atraía a bichona. Era preciso matá-la. Mas a danada era sabida. Não saiu. Esperou ainda uns quinze minutos. Como não vinha mesmo, voltou para a rede, pôs-se a tocar outra vez a mesma toada triste. Não demorou, a pernona cabeluda da aranha apontou na frincha...

O elevador abriu-se com violência, despejando três ou quatro passageiros, fechou-se outra vez, subiu.

O Enéias continuava.

– Apareceu a pernona, a bruta foi chegando. Veio vindo. O Melo parou o violão, para novo golpe. Mas a aranha, depois de uma ligeira hesitação, antes que o homem se aproximasse, afundou outra vez no buraco. “Ora essa!” Ele ficou intrigado. Esperou mais um pouco, recomeçou a tocar. E quatro ou cinco minutos depois, a cena se repetiu. Timidamente, devagarzinho, a aranha apontou, foi saindo da fresta. Avançava lentamente, como fascinada. Apesar de enorme e cabeluda, tinha um ar pacífico, familiar. O Melo teve uma idéia. “Será por causa da música?” Parou, espreitou. A aranha avançara uns dois palmos...

– Desce!

– Eu vou na outra viagem.

– Dito e feito... – continuou Enéias. – A bicha ficou titubeante, como tonta. Depois, moveu-se lentamente, indo se esconder outra vez. Quando ele recomeçou a tocar, já foi com intuito de experiência. Para ver se ela voltava. E voltou. No duro. Três ou quatro vezes a cena se repetiu. A aranha vinha, a aranha voltava. Três ou mais vezes. Até que ele resolveu ir dormir, não sei com que estranha coragem, porque um sujeito saber que tem dentro de casa um bicho desses, venenoso e agressivo, sem procurar liquidá-lo, é preciso ter sangue! No dia seguinte, passou o dia inteiro excitadíssimo. Isto sim, dava um capítulo formidável. Naquela angústia, naquela preocupação. “Será que a aranha volta? Não seria tudo pura coincidência?” Ele estava ocupadíssimo com a colheita. Só à noite voltaria para o casarão da fazenda. Teve que almoçar com os colonos, no cafezal. Andou a cavalo o dia inteiro. E sempre pensando na aranha. O sujeito que fizer o conto pode tecer uma porção de coisas em torno dessa expectativa. À noite, quando se viu livre, voltou para casa. Jantou às pressas. Foi correndo buscar o violão. Estava nervoso. “Será que a bicha vem?” Nem por sombras pensou no perigo que havia em ter em casa um animal daqueles. Queria saber se “ela” voltava. Começou a tocar como quem se apresenta em público pela primeira vez. Coração batendo. Tocou. O olho na fresta. Qual não foi a alegria dele quando, quinze ou vinte minutos depois, como um

viajante que avista terra, depois de uma longa viagem, percebeu que era ela... o pernão cabeludo, o vulto escuro no canto mal iluminado.

– (Desce!

– Sobe!

– Desce!

– Sobe!)

– A aranha surgiu de todo. O mesmo jeito estonteado, hesitante, o mesmo ar arrastado. Parou a meia distância. Estava escutando. Evidentemente, estava. Aí, ele quis completar a experiência. Deixou de tocar. E como na véspera, quando o silêncio se prolongou, a caranguejeira começou a se mover pouco a pouco, como quem se desencanta, para se esconder novamente. É escusado dizer que a cena se repetiu nesse mesmo ritmo uma porção de vezes. E para encurtar a história, a aranha ficou famosa. O Melo passou o caso adiante. Começou a vir gente da vizinhança, para ver a aranha amiga da música. Todas as noites era aquela romaria. Amigos, empregados, o administrador, gente da cidade, todos queriam conhecer a cabeluda fã de O Luar do Sertão, e de outras modinhas. E até de música boa... Chopin... Eu não sei qual é... Mas havia um noturno de Chopin que era infalível. Mesmo depois de acabado, ela ainda ficava como que amolentada, ouvindo ainda. E tinha uma predileção especial pela Gavota de Tárrega, que o Melo tocava todas as noites. Havia ocasiões em que custava a aparecer. Mas era só tocar a Gavota, ela surgia. O curioso é que Melo se tomou de amores pela aranha. Ficou sendo a distração, a companheira. Era Ela, com E grande. Chegou até a pôr-lhe nome, não me lembro qual. E ele conta que, desde então, não sentiu mais a solidão incrível da fazenda. Os dois se compreendiam, se irmanavam. Ele sentia quais as músicas que mais tocavam a sensibilidade “dela”... E insistia nessas, para agradar a inesperada companheira de noitadas. Chegou mesmo a dizer que, após dois ou três meses daquela comunhão – o caso não despertava interesse, os amigos já haviam desertado – ele começava a pensar, com pena, que tinha de voltar para São Paulo. Como ficaria a coitada? Que seria dela, sem o seu violão? Como abandonar uma companheira tão fiel? Sim, porque trazê-la para São Paulo, isso não seria fácil!... Pois bem, uma noite, apareceu um camarada de fora, que não sabia da história. Creio que um viajante, um representante qualquer de uma casa comissária de Santos. Hospedou-se com ele. Cheio de prosa, de novidades. Os dois ficaram conversando longamente, inesperada palestra de cidade naqueles fundos de sertão. Negócios, safras, cotações, mexericos. Às tantas, esquecido até da velha amiga, o Melo tomou do violão, velho hábito que era um prolongamento de sua vida. Começou a tocar, distraído. Não se lembrou de avisar o amigo. A aranha cotidiana apareceu. O amigo escutava. De repente, seus olhos a viram. Arrepiou-se de espanto. E, num salto violento, sem perceber o grito desesperado com que o procurava deter o hospedeiro, caiu sobre a aranha, esmagando-a com o sapatão cheio de lama. O Melo soltou um grito de dor. O rapaz olhou-o. Sem compreender, comentou:

– Que perigo, hein?

O outro não respondeu logo. Estava pálido, uma angústia mortal aos olhos.

– E justamente quando eu tocava a Gavota de Tárrega, a que ela preferia, coitadinha...

– Mas o que há? Eu não compreendo...

E vocês imaginam o desapontamento, a humilhação com que ele ouviu toda essa história que eu contei agora...

– Desce!

Desci.

Píramo e Tisbe*

Já houve um tempo em que o vermelho profundo das bagas da amoreira era branco como a neve. A mudança de cor resultou de um fato muito estranho e triste: a morte de dois jovens apaixonados.

Píramo e Tisbe, ele o mais belo dos jovens e ela a mais bela virgem de todo o Oriente, viviam na Babilônia, a cidade da rainha Semíramis, em casas tão próximas que apenas uma parede comum as separava. Crescendo assim, lado a lado, aprenderam a amar-se mutuamente. Queriam muito casar-se, mas não havia como vencer a proibição dos pais. O amor, porém, não pode ser proibido. Quanto mais se cobre a chama, mais fortes ficam as labaredas. Além disso, o amor sempre acaba encontrando soluções. Não era possível manter separados esses dois jovens cujos corações explodiam de amor.

Na parede que separava as duas casas havia uma pequena fenda da qual até então ninguém se dera conta. A quem ama, porém, não há nada que passe despercebido. Nossos dois jovens descobriram-na, e através dela começaram, então, a sussurrar doces palavras de amor, Tisbe de um lado e Píramo do outro. A odiosa parede que os separava transformara-se em sua única forma de contato. “Não fosse tua existência, poderíamos estar juntos e beijar-nos”, costumavam dizer, referindo-se à parede. “Mas, pelo menos, podemos falar através de ti. Permites que doces palavras de amor cheguem aos nossos ouvidos apaixonados. Não somos ingratos.” Assim falavam e, quando a noite chegava e tinham de separar-se, era na parede que davam os beijos que não tinham como chegar aos lábios do outro lado.

Todas as manhãs, quando o alvorecer já expulsara do céu as estrelas e os raios do Sol já haviam secado a geada que endurecia a relva, iam furtivamente até a fenda e ali ficavam, às vezes trocando as mais doces juras de amor, outras vezes lamentando o triste destino a que pareciam condenados. Suas palavras, porém, eram sempre trocadas em forma de sussurros quase inaudíveis. Por fim chegou o dia em que não tinham mais condições de continuar suportando aquela situação. Decidiram que, naquela mesma noite, iriam tentar fugir e atravessar a cidade em direção ao campo, onde finalmente poderiam ficar juntos em liberdade. Combinaram encontrar-se em lugar bastante conhecido – o Túmulo de Nino –, sob uma árvore que ali havia, uma grande amoreira cheia de bagas brancas como a neve, e perto da qual murmuravam as águas frescas de uma fonte. O plano lhes pareceu perfeito, e para eles aquele foi o mais longo dia de suas vidas.

* Esta história é contada por Ovídio. É bastante característica do que há de melhor em seu estilo: boa narração, vários monólogos retóricos e, no meio, um pequeno ensaio sobre o Amor. Extraído de HAMILTON, Edith. *Mitologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

Por fim, o Sol mergulhou no oceano e a noite chegou. Na escuridão, Tisbe saiu furtivamente de casa e, fazendo o possível para não ser vista, dirigiu-se para o túmulo onde haviam combinado encontrar-se. Píramo ainda não tinha chegado, e ela ficou a esperá-lo com a coragem fortalecida pelo amor. De repente, porém, a luz da lua permitiu-lhe divisar o vulto de uma leoa que se aproximava. A fera selvagem tinha acabado de matar uma presa; tinha as mandíbulas ensangüentadas, e vinha saciar a sede na fonte. Estava ainda a uma distância que permitia a fuga de Tisbe; mas, ao correr em busca de um abrigo seguro, a jovem deixou cair a capa que trazia aos ombros. Ao voltar para o seu covil, a leoa viu a capa e, antes de desaparecer na floresta, abocanhou-a e fez dela apenas um monte de trapos. Ao chegar, poucos minutos depois, foi com essa cena que Píramo se deparou. Diante dele estavam os farrapos ensangüentados da capa e, visíveis na obscuridade, as pegadas da leoa. A conclusão era inevitável: Tisbe estava morta. Ele permitira que seu amor, uma jovem tão delicada, viesse sozinha para um lugar tão cheio de perigos, e ali não estivera para protegê-la. “Fui eu que te matei”, exclamou. Do solo espezzinhado, levantou o que restava da capa e, beijando-a muitas vezes, levou-a consigo para perto da amoreira. “Agora”, disse ele, “beberás também do meu sangue.” Desembainhou a espada e cravou-a no coração. O sangue, lançado em borbotões, atingiu em cheio as bagas da amoreira, que então se tingiram de um vermelho escuro.

Apesar de ainda apavorada com a leoa, o grande medo de Tisbe era não conseguir encontrar seu amado. Assim, resolveu arriscar-se a voltar para junto da árvore onde haviam marcado o encontro, a amoreira dos reluzentes frutos brancos, mas não conseguia encontrá-la. A árvore era a mesma, mas seus ramos não deixavam entrever um só lampejo de brilho branco. Ao olhar bem, percebeu que alguma coisa se mexia no chão. Recuou, trêmula, mas no instante seguinte, firmando os olhos por entre as sombras, viu claramente o que se passava ali: Píramo, banhado em sangue e quase morto. Voou para ele e o tomou nos braços, beijando-lhe os lábios frios e implorando-lhe que a olhasse e falasse. “Sou eu, a tua Tisbe, a tua amada!”, disse-lhe a chorar. Ao ouvir o nome que tanto amava, Píramo entreabriu os olhos pesados e olhou para Tisbe pela última vez. Em seguida, a morte se encarregou de fechá-los para sempre.

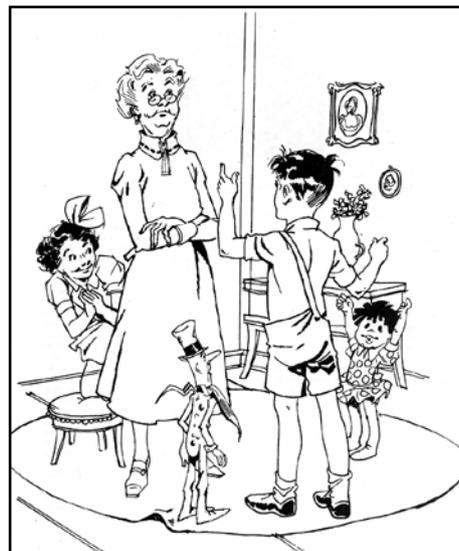
Ela então viu a espada que lhe caíra das mãos, e bem perto dela a sua capa manchada de sangue e esfarrapada. Num instante, compreendeu tudo. “Tua própria mão te matou”, disse, “e teu amor por mim”. Também posso ser corajosa, também eu posso amar. Só a morte teria tido o poder de nos separar, mas agora deixará de ter esse poder.” Cravou no coração a espada ainda úmida do sangue de seu amado”.

Por fim, os deuses se apiedaram, e o mesmo fizeram os pais dos dois jovens. O fruto vermelho escuro da amoreira ficou sendo a eterna recordação desses amantes fiéis e verdadeiros. Suas cinzas estão contidas em uma única urna, pois nem a morte foi capaz de separá-los.

A seguir, vamos inserir duas propostas de sugestões de orientações didáticas para auxiliar o trabalho na Hora da Leitura: uma dirigida a alunos de 1ª e 2ª séries do Ensino Fundamental e outra para alunos de 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental.

Criando criaturas fantásticas¹²

E se, de repente, você pudesse criar um ser fantástico capaz até de aparecer por aquelas terras e conviver com Narizinho, Emilia, Pedrinho...



Dom Quixote das Crianças, pág. 91

Proposta dirigida a alunos de 1^a e 2^a séries do Ensino Fundamental

Descrição da proposta: Em um mesmo espaço, no sítio da Dona Benta, convivem pessoas comuns: a avó, seus netos, os empregados da casa; mas também criaturas da imaginação de Lobato, como a boneca de pano Emilia, o Visconde de Sabugosa feito de um sabugo de milho. Vez por outra, aparecem lá, sem a menor cerimônia, seres fantásticos como o Saci. O dia-a-dia e a imaginação se misturam e fica uma delícia.

Tempo de duração: de 15 a 20 aulas.

Leituras básicas: *O Saci*, Monteiro Lobato, São Paulo, Editora Brasiliense.

Monteiro Lobato, Coleção Crianças Famosas, Nereide S. Rosa e Mice Ribeiro, São Paulo, Editora Callis.

Fontes de informação: Livros, vídeos, programas de televisão.

Sugestão para desenvolvimento do projeto

1. Conversar com os alunos a respeito da série Sítio do Picapau Amarelo, que vem sendo exibida pela Rede Globo, e verificar o que seus alunos já sabem a respeito dos personagens e de seu criador, Monteiro Lobato. Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciamos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. A atividade favorece a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

12. As orientações didáticas foram cedidas pelo Cedac.

2. Alguns episódios estão disponíveis também em vídeo. Se você puder, assista a um deles com a turma e converse a respeito.

3. Organizar um mural com os dados levantados, deixar que desenhem as personagens, escrevam o nome de cada uma e um pequeno texto de identificação. Lembre a eles que, para ser lido no mural, o texto precisa ser sintético e as letras, de um tamanho grande e bem atraentes para despertar a vontade de ler.

4. Organizar uma visita de seus alunos à biblioteca escolar ou sala de leitura para que façam o levantamento das obras de Lobato disponíveis no acervo. Caso haja um exemplar do livro *O Saci*, livro que dá sustentação ao tema da turma, mostre-o a seus alunos e procure despertar a curiosidade deles para a leitura da história. Estimule-os a fazer empréstimos de livros do autor e, caso ainda não tenham autonomia para ler obras extensas, sugira que leiam *Fábulas, histórias diversas ou histórias de Tia Nastácia*, antologias compostas por fábulas, contos de fada ou contos populares que podem ser lidos isoladamente. **Escrever um bilhete para os pais estimulando-os, também, a ler Lobato com os filhos.**

5. Se possível, fazer um levantamento do que há do autor nas bibliotecas públicas de sua região e estimulá-los a frequentá-las. Lobato dizia que “um país se faz com homens e livros”. **Precisamos ensinar o caminho das bibliotecas e dos livros.**

6. Antecipar que você lerá uma biografia diferente, que privilegia aspectos da infância de Lobato, ou melhor, de Juca, que é como o chamavam quando era pequeno.

7. Ler o livro *Monteiro Lobato* (Coleção Crianças Famosas) de Nereide S. Santa Rosa e Mica Ribeiro. Retomar com os alunos o que você achar mais relevante para o objetivo deste trabalho como, por exemplo, o nascimento do menino Juca e as brincadeiras com as irmãs; a primeira caçada de Juca com seu par Joaquina, que inspirou Tia Nastácia, os brinquedos que ele mesmo construía e a descoberta da leitura da escrita; a vó Anacleto, que inspirou a coragem do menino; as molecagens do menino Juca; a relação do menino com a leitura, a escrita e os desenhos; o trabalho de escritor. O objetivo da atividade é auxiliar os alunos a compreenderem as informações presentes em textos de natureza informativa. Você, professor, segmenta o texto em partes em função do desenvolvimento temático, lê e comenta cada uma delas.

8. Ler com seus alunos o livro *O Saci*, de Monteiro Lobato. São Paulo. Editora Brasiliense.

- Reproduzir oralmente os três primeiros capítulos em que Pedrinho conversa com o Tio Barnabé a respeito do Saci.
- Após a leitura do capítulo 4, conversar com os alunos: como é o Saci? Que reações ele faz?
- Sobre o capítulo 5, vale lembrar: como se faz para pegar um Saci?
- O capítulo 6 dá espaço para uma conversa com a turma a respeito do acordo feito entre Pedrinho e o Saci?

- Outra temática interessante para discussão em classe nos capítulos de 7 a 14, em que Pedrinho e o Saci enfrentam os perigos e conversam a respeito de o homem ser ou não o rei dos animais.
- Após a leitura do capítulo 15, em que o Saci explica quem é o Boitatá, podem ser levantadas questões como: Como é o Boitatá? Que reinações ele faz? Como se faz para pegar um Boitatá?
- Ler para eles a história do Negrinho do Pastoreio, que está no capítulo 16.
- Reproduzir oralmente o conteúdo dos capítulos 17 e 18 e concentrar-se na leitura do capítulo 19, em que Pedrinho e o Saci encontram o Lobisomem. Pode-se retomar com os alunos: Como é o Lobisomem? Que reinações ele faz? Como se faz para pegar um Lobisomem?
- O mesmo pode ser feito em relação ao capítulo 20, em que Pedrinho e o Saci encontram a Mula-sem-cabeça: como é a Mula-sem-cabeça? Que reinações ela faz? Como se faz para pegar uma Mula-sem-cabeça?

9. Retomar a passagem da biografia de Lobato em que se falou a respeito de como ele transformava sabugos de milho e chuchus em brinquedos. Pedir aos alunos que tragam sucata para a sala de aula (garrafas plásticas de refrigerante, embalagens etc.), propondo que, como Lobato e inspirados nas assustadoras criaturas do mal, criem novas personagens fantásticas.

10. Depois de confeccionada a personagem, sugerir que transformem o objeto em um desenho, uma outra paixão de Lobato.

11. Pedir então que dêem um nome para a personagem e que tentem pensar em coisas como:

- Como ela é?
- Que reinações ela faz?
- Como se faz para pegá-la?

12. Propor que escrevam um texto apresentando a sua personagem, como fez Lobato com as criaturas do folclore. Se quiserem poderão também fazer de conta que Pedrinho e o Saci conversam a respeito da criatura que tiverem criado.

13. Um ou dois dias após a elaboração do texto, orientar a revisão. Nada melhor do que deixar o texto descansar um pouco para que o escritor possa enxergar melhor suas imperfeições. Separando o tempo da produção do tempo da revisão fica mais fácil para o aluno ser leitor de seu próprio texto, promovendo os ajustes necessários para torná-lo mais próximo das expectativas sociais em torno do gênero.

14. Organizar a “terrível” e “assustadora” exposição dos monstros para que cada criança possa apresentar sua criatura em três versões: a tridimensional a desenhada e a escrita.

Recado ao professor

Como você deve ter observado, foram apresentadas atividades tanto para a leitura de obras de Monteiro Lobato como para a produção de textos relacionados à temática nelas exploradas.

Além da leitura de *O Saci*, os alunos também lêem a respeito do autor com a finalidade de contextualizar a obra. Portanto, além de ler obras ficcionais em que se busca o entretenimento, também lêem para selecionar informações e saber mais a respeito de um determinado assunto. As atividades de leitura procuram valorizar a compreensão global do texto e estimulam os alunos a manifestarem-se expressando pontos de vista, comentários etc.

As propostas de produção de textos derivam de atividades de reflexão sobre o texto lido, em que são oferecidos alguns parâmetros para que os alunos possam criar novas personagens, elaborar novas roupagens para uma mesma intriga, apresentar preferências e opiniões desencadeadas pela temática da obra.

Com esse roteiro, além de participar de um concurso, é possível ensinar e aprender habilidades de leitura e de escrita. Mas é você, professor, quem pode avaliar a melhor maneira de ajustá-lo ao planejamento anual estabelecido para a sua turma. Sinta-se à vontade para selecionar o que achar mais interessante, modificar o encaminhamento das atividades, inverter a seqüência proposta.

O importante, de verdade, é aproximar Monteiro Lobato das novas gerações; é entrar nos sítios de Lobato.

Expectativas de aprendizagem para os alunos

1. Identificar as informações relevantes de um texto de natureza informativa em situação de leitura compartilhada.

2. Interessar-se por ouvir histórias, manifestando sentimentos, experiências, idéias e opiniões em situação de leitura compartilhada.

3. Saber contar histórias, levando em conta a entonação para marcar a fala das diferentes personagens, a altura de voz para ajustá-la à platéia e o ritmo para garantir compreensão e envolver a platéia nos episódios narrados.

4. Conhecer a linguagem que se usa para escrever, tendo com referência textos escritos por Monteiro Lobato.

5. Empregar expressões próprias da linguagem escrita que possam ter ocorrido nas criações de Lobato ou em outros textos lidos anteriormente.

6. Conservar os recursos empregados por Monteiro Lobato para apresentar as criaturas do universo da fantasia presentes no livro *O Saci*: a estrutura do texto, expressões utilizadas etc.

7. Criar personagens do universo da fantasia, apresentando suas características físicas e seu modo de ser utilizando diferentes linguagens.

8. Produzir textos para apresentar ao leitor a personagem criada, procurando empregar alguns dos recursos observados em Lobato.

9. Revisar os textos produzidos, procurando deixá-los interessantes para o leitor.

Uma outra história de bichos para Tia Nastácia

Imagine agora que você também pode criar um história de bichos parecida com as que tia Nastácia contava no Sítio.



Histórias de Tia Nastácia, pág. 17

Proposta dirigida a alunos de 3^a e 4^a séries do Ensino Fundamental

Descrição da proposta: Tia Nastácia, a afetuosa e querida empregada do Sítio, guarda em sua memória, infindáveis histórias que brotam das tradições populares brasileiras e encantam não só a Pedrinho, Narizinho, Emília, mas a todos nós. Muitas dessas histórias envolvem bichos como o macacão, o jabuti, a onça, etc.

Tempo de duração: de 15 a 20 aulas.

Leituras básicas: *Histórias de Tia Nastácia*, Monteiro Lobato, São Paulo, Editora Brasiliense.

Monteiro Lobato, Coleção Crianças Famosas, Nereide S. Rosa e Míce Ribeiro, São Paulo, Editora Callis.

Fontes de informação: Livros, vídeos, programas de televisão.

Sugestão para desenvolvimento do projeto

1. Conversar com seus alunos a respeito do Sítio do Pica-pau Amarelo e verificar o que eles já sabem sobre os personagens e seu criador Monteiro Lobato. Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. A atividade favorece a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

2. Consultar o site www.lobato.com.br para selecionar informações a respeito das personagens que integram o Sítio do Pica-pau Amarelo.

3. Organizar um mural com os dados levantados: deixar que desenhem as personagens, escrevam o nome de cada uma e um pequeno texto de identificação. Lembre a eles que, para ser lido no mural, o texto precisa ser sintético e as letras, de um tamanho grande e bem atraentes para despertar a vontade de ler.

4. Organizar uma visita de seus alunos à biblioteca escolar ou sala de leitura para que façam o levantamento das obras de Lobato disponíveis no acervo. Caso haja um exemplar do livro *Histórias de Tia Nastácia*, livro que dá sustentação ao tema da turma, mostre-o a seus alunos e desperte a curiosidade deles para a leitura da história. Conversar um pouco sobre *Reinações de Narizinho*, *Caçadas de Pedrinho* e *Memórias de Emília* que são protagonizados, respectivamente, pelas espertas crianças e pela irreverente boneca de pano. Estimule-os a fazer empréstimos de livros do autor e, caso ainda não tenham autonomia para ler obras extensas, sugira que leiam *Fábulas*, *Histórias Diversas*, antologias compostas por fábulas, contos de fada que podem ser lidos isoladamente. **Escrever um bilhetinho para os pais estimulando-os, também, a ler Lobato com os filhos.**

5. Se possível, fazer um levantamento do que há do autor nas bibliotecas públicas de sua região e estimulá-los a freqüentá-las. Lobato dizia: “Um país se faz com homens e livros”. **Precisamos ensinar o caminho das bibliotecas e dos livros.**

6. Antecipar que você irá ler para eles uma biografia diferente, em que se privilegia como foi a infância de Lobato, ou melhor, de Juca, que é como o chamavam quando era pequeno.

7. Dizer a eles que, ao longo do livro *Monteiro Lobato* (Coleção Crianças Famosas), de Nereide S. Santa Rosa e Míca Ribeiro, vão encontrar muitas informações a respeito da infância do autor:

- as brincadeiras do menino Juca com suas irmãs e os brinquedos que ele mesmo construía;

- a primeira caçada de Juca com seu pai;
- as pessoas conhecidas que se transformariam em personagens do Sítio (Joaquina que inspirou Tia Nastácia, a avó Anacleto a, Ime inspirou Dona Benta, o professor Quirino que inspirou o Visconde de Sabugosa);
- a mudança de nome;
- as molecagens do menino Juca;
- a relação do menino com a leitura e a escrita;
- seu caderno especial.

O objetivo da atividade é fazer com que os alunos aprendam a hierarquizar as informações em textos de natureza informativa: o professor apresenta o tópico mais geral e os alunos localizam as informações relacionadas a eles.

8. Organizar a classe em sete grupos e encarregar cada um deles de tomar notas das informações importantes referentes a um dos tópicos abordados na biografia. Após a leitura, retomá-los, e deixar que cada grupo apresente suas anotações a respeito do tópico que devia observar mais detidamente.

9. Debater com a classe: quem seria Emília? Verifique se seus alunos descobrem traços da personagem na própria infância de Lobato.

10. Dizer a eles que o livro de Lobato que vão ler, *Histórias de Tia Nastácia*, contém uma série de contos que as pessoas acabam conhecendo por via oral, ou seja, de uma passar para outra. Lobato faz com que a voz do povo seja a de Tia Nastácia, que desfia, uma após outra, histórias para todos os gostos. Como os irmãos Grimm, na Alemanha, Lobato registra, no Brasil, nossos contos populares.

11. Explicar a eles que há, na tradição popular brasileira, muitas histórias de bichos e que Lobato reproduz um grande número delas nesse livro.

12. Apresentar uma cópia do índice do livro e pedir que, em duplas, assinalem quais das histórias são de bichos. Ver se conseguem usar o título como critério para a classificação.

13. Elaborar uma lista com as histórias de bicho e promover uma votação para selecionar as 10 histórias que mais gostariam de conhecer.

14. A cada dia, durante cinco dias, ler duas das histórias: uma, você lê para eles; outra, um aluno previamente escolhido (para ter tempo de preparar a leitura) lê para a turma.

15. Após cada leitura, conversar um pouco sobre as histórias e depois ler a conversa que as personagens do Sítio tiveram a respeito delas.

16. Consultar o resultado da votação e selecionar mais quatro contos: dois para cada dia. Mas agora a tarefa é diferente: cada aluno prepara-se para contar a história de um modo bem interessante: agora não é ler, é contar.

17. Após o aluno ter contado a história, ler a versão do livro para que a classe possa avaliar se a narração manteve-se fiel ao texto original.

18. Organizar os alunos em duplas e propor que reproduzam, por escrito, a história de que mais tenham gostado e verificar se incorporaram elementos da linguagem de Lobato.

19. Fazer com eles um levantamento dos bichos que mais aparecem como personagens das histórias. Por que será? Verificar se percebem que esses animais são habitantes das matas brasileiras e que, por isso, há tantas histórias sobre eles.

20. Perguntar se já observaram como, muitas vezes, as pessoas usam certas características dos bichos para simbolizar comportamentos das pessoas; o que estaria representando o macaco? E o jabuti?

21. Propor aos alunos imaginar que bichos selecionariam se tivessem que criar uma história parecida com essas que integram o livro.

22. Deixar que falem sobre as escolhas feitas e, caso desejem, deixar que antecipem algo a respeito do que esses personagens poderiam aprontar na história. O objetivo dessa atividade e da anterior é criar uma situação favorável ao planejamento do texto, em que as crianças, antes de iniciar a redação, possam refletir a respeito do que escrever.

23. Propor a eles elaborarem uma história de bicho. Não é preciso manter os mesmos bichos da seleção anterior, caso tenham tido uma outra idéia mais interessante.

24. No dia seguinte, propor a revisão do texto. Deixar que consultem o dicionário, caso tenham alguma dúvida ortográfica.

25. Organizar o *Serão (ia Tia Nastácia” para que a classe possa escutar as histórias de seus colegas o escolher as melhores para o concurso.

26. Se a turma tiver gostado das histórias, organize-as em um livro que poderia se chamar: “Novas histórias para Tia Nastácia”.

Recado ao professor

Como você deve ter observado, foram apresentadas atividades tanto para a leitura de obras de Monteiro Lobato como para a produção de textos relacionados à temática nelas exploradas.

Além da leitura de *Histórias de Tia Nastácia*, os alunos também lêem a respeito do autor com a finalidade de contextualizar a obra. Portanto, além de ler obras ficcionais em que se busca o entretenimento, também lêem para selecionar informações e saber mais a respeito de um determinado assunto. As atividades de leitura procuram valorizar a compreensão global do texto e estimulam os alunos a manifestarem-se, expressando pontos de vista, comentários etc.

As propostas de produção de textos derivam de atividades de reflexão sobre o texto lido, em que são oferecidos alguns parâmetros para que os alunos possam criar novas personagens, elaborar novas roupagens para uma mesma intriga, apresentar preferências e opiniões desencadeadas pela temática da obra.

Com esse roteiro, além de participar de um concurso, é possível ensinar e aprender habilidades de leitura e de escrita. Mas é você, professor, quem pode avaliar a melhor maneira de ajustá-lo ao planejamento anual estabelecido para a sua turma. Sinta-se à vontade para selecionar o que achar mais interessante, modificar o encaminhamento das atividades, inverter a seqüência proposta.

O importante de verdade é aproximar Monteiro Lobato das novas gerações, é entrar nos sítios de Lobato.

Expectativas de aprendizagem para os alunos

1. Selecionar informações em sites.
2. Estabelecer relações entre tópico e subtópico em textos de natureza informativa.
3. Aprender a tomar notas durante leitura ou exposição.
4. Aprender a consultar índices para selecionar o que se quer ler.
5. Utilizar o título da história para antecipar aspectos da estrutura narrativa, no caso específico, em quais histórias as personagens são animais.
6. Interessar-se por ouvir histórias, manifestando sentimentos, experiências, idéias e opiniões em situação de leitura compartilhada.
7. Ler histórias procurando contruir o sentido do texto, encarando eventuais obstáculos que o texto possa apresentar, como por exemplo, uma palavra ou expressão cujo significado não se saiba.

8. Ler histórias em voz alta, levando em conta a entonação para marcar a fala das diferentes personagens, a altura de voz ajustada à platéia e o ritmo para garantir compreensão e envolver a platéia nos episódios.

9. Saber contar histórias, levando em conta a entonação para marcar a fala das diferentes personagens, a altura de voz ajustada à platéia e o ritmo para garantir compreensão e envolver a platéia nos episódios narrados.

10. Conhecer a linguagem que se usa para escrever tendo como referência textos escritos por Monteiro Lobato.

11. Empregar expressões próprias da linguagem escrita que possam ter ocorrido nas criações de Lobato ou em outros textos lidos anteriormente.

12. Observar os recursos empregados por Monteiro Lobato para contar histórias de bichos como as presentes no livro *Histórias de Tia Nastácia*: a estrutura do texto, expressões utilizadas, as seqüências de diálogos etc.

13. Produzir uma história de bichos, procurando empregar alguns dos recursos observados em Lobato.

14. Revisar textos para ajustá-los ao gênero e à situação comunicativa.

Bibliografia

- ARATANGY, C. Grupo 4 – Pólos. In *Trabalhando com história e ciências na pré-escola*. (pp. 43-48) CAVALCANTI, Z. (org). Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1990.
- BARROS, R. M. Ler quando não se sabe. In BRASIL. Secretaria de Ensino Fundamental. *Programa de desenvolvimento profissional continuado: alfabetização*. (pp. 70-73). Brasília: SEF/MEC, 1999.
- BARROS, R. M. Trabalho pedagógico com nomes próprios. In BRASIL. Secretaria de Ensino Fundamental. Ministério da Educação *Programa de formação de professores alfabetizadores – Coletânea de textos*. (M2U3T4). Brasília: SEF/MEC, 2001.
- BRASIL, FUNDESCOLA. SECRETARIA DE ENSINO FUNDAMENTAL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. O que propor na sala de aula... In A. R. Abreu [et al.]. *Alfabetização: livro do professor* (pp. 59-101). Brasília: Fudescola/SEF-MEC, 2000.
- BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Leitura e escrita de textos, modalidades de texto. In V. Masagão. (Coord.) *Educação para Jovens e Adultos: ensino fundamental: proposta curricular para o 1º segmento*. (pp. 73-89). São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 1999.
- BRASIL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Ditado ao professor. In *Cadernos da TV Escola. – Viagens de Leitura*. (pp. 12-15). Brasília, 1996.
- BRASIL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Para ensinar a ler. In *Cadernos da TV Escola. – Língua Portuguesa (1)*. (pp. 52). Brasília, 1999.
- BRASIL, SECRETARIA DE ENSINO FUNDAMENTAL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil. Linguagem Oral e Escrita. Brasília, 1997.
- BRONCKART, J-P. *Atividade de linguagem, textos e discursos*. São Paulo: EDUC, 1999.
- BUENOS AIRES. SECRETARIA DE EDUCACIÓN. *Actualización Curricular – EGB Lengua - Documento de trabajo no 2*, 1996. Buenos Aires: Dirección de Currículo.
- BUENOS AIRES. SECRETARIA DE EDUCACIÓN. Los chicos dictan al maestro una nueva versión de un cuento tradicional. In *Actualización Curricular – EGB Lengua - Documento de trabajo no 2*. Buenos Aires: Dirección de Curriculum, 1996.
- BUENOS AIRES. SECRETARIA DE EDUCACIÓN. Práctica de la escritura y adquisición del sistema notacional. In *Actualización Curricular. – EGB Lengua - Documento de trabajo no 2*. (pp. 62-65), 1996. Buenos Aires: Dirección de Curriculum.
- CARDOSO, B. & EDNIR, M. Avaliação: prova ou diálogo. In B. Cardoso. & M. Ednir. *Ler e escrever, muito prazer!* (pp.125-136). São Paulo: Ática, 1998.
- CARDOSO, B. & EDNIR, M. Deixem que digam, que pensem, que escrevam... In B. Cardoso. & M. Ednir. *Ler e escrever, muito prazer!* São Paulo: Ática, 1998.

- CARDOSO, B. & TEBEROSKY, A. Escrita de notícias – 15.01.1987. In B. Cardoso & A. Teberosky. *Reflexões sobre o ensino da leitura e da escrita*. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas. Petrópolis: Vozes, 1993.
- CARDOSO, B. & TEBEROSKY, A. Escrita de uma canção na lousa – 02.02.1987. In B. Cardoso & A. Teberosky. *Reflexões sobre o ensino da leitura e da escrita*. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas. Petrópolis: Vozes, 1993.
- CARDOSO, B. & TEBEROSKY, A. Redação de contos em duplas – 06.05.1987. In B. Cardoso & A. Teberosky. *Reflexões sobre o ensino da leitura e da escrita*. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas. Petrópolis: Vozes, 1993.
- CARDOSO, B. & TEBEROSKY, A. Redação de contos em duplas – 06.05.1987. In B. Cardoso & A. Teberosky. *Reflexões sobre o ensino da leitura e da escrita*. (pp. 132-134). Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas. Petrópolis: Vozes, 1993.
- CASTEDO, M. Dónde dice, qué dice, cómo dice? Una situación didáctica para poder leer antes de saber leer (sin quedar condenado a descifrar!). In M. Castedo, M.C. Molinari & A. Siro. *Enseñar y aprender a leer – Jardín de Infantes y primer ciclo de Educación Básica*. (pp. 75-84). Buenos Aires: Novedades Educativas, 1999.
- CASTEDO, M. Escrever, revisar e reescrever contos repetitivos. (síntese do texto elaborada por Regina Scarpa). *Escribir, revisar y reescribir cuentos repetitivos* (Trabajo realizado en el marco del proyecto de investigación “Revisión e Intercâmbio” del programa de Incentivos a la investigación de la Secretaría de políticas Universitarias del Ministerio de Educación de la Nación. Argentina).
- CASTEDO, M. KAUFMAN, A. M. MOLINARI, C. & TERUGGI, L. *Alfabetização de crianças: construção e intercâmbio*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- CASTEDO, M. Ler para escrever. In *Seminário Internacional: Projetos Didáticos com a Língua Escrita*. Apostila, Centro de Estudos da Escola da Vila. São Paulo: (1997).
- CASTEDO, M. Os animais do lago do bosque – Prof. Guilhermina Lanz 1ª série. In *Seminário Internacional: Projetos Didáticos com a Língua Escrita*. Apostila, Centro de Estudos da Escola da Vila. São Paulo: (1997).
- CASTEDO, M. Produção de uma antologia de contos de princesas e dragões. In *Seminário Internacional: Projetos Didáticos com a Escrita*. Apostila, Centro de Estudos da Escola da Vila. São Paulo: (1997).
- CEDAC. Acompanhamento de projetos – Catas Altas – MG. *Programa Escola que Vale*, 2000.
- CEDAC. Carta 1. In CEDAC. *Carta aos professores rurais de Ibiúna*. (pp. 55-57). São Paulo, 1999.
- CHARTIER, A.-M. CLESSE, C. e HÉBRARD, J. *Ler e escrever: entrando no mundo da escrita* Porto Alegre: Artmed, 1996.
- COLL, C. *Aprendizagem escolar e construção do conhecimento*. Porto Alegre: Artmed, 1994.
- CURTO, L. M., MORILLO, M. M. TEIXEDÓ, M. M. *Escrever e ler*. Porto Alegre: Artmed. 2000 (2 volumes).

- DACANAL, J. H. *A Pontuação, teoria e prática*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- DOLZ, J., MORO, C. & ÉRARD, S. Entrevista radiofônica, lugar de mediação entre conteúdos e dinâmicas da situação comunicativa. In B. Schneuwly. *O ensino da língua oral na escola*. Apostila, Centro de Estudos da Escola da Vila, São Paulo: 1997.
- ESTADO DE SÃO PAULO, FDE. Deu no Jornal. In Diretoria de projetos especiais. *Por trás das letras*. 1992.
- ESTADO DE SÃO PAULO, FDE. Falando devagarinho. In Diretoria de projetos especiais. *Por trás das letras*. 1992.
- FARACO, C. A. *Escrita e alfabetização*. São Paulo: Contexto, 1994.
- FERREIRO, E. & TEBEROSKY A compreensão do sistema de escrita: construções originais da criança e informação específica dos adultos. In E. Ferreiro (H. Gonzales [et.al.], trad.). *Reflexões sobre alfabetização*. São Paulo: Cortez, 1985.
- FERREIRO, E. (org.). *Os filhos do analfabetismo*. Porto Alegre: Artmed, 1990.
- FERREIRO, E. *Com todas as letras*. São Paulo: Cortez, 1992.
- FERREIRO, E. e TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FERREIRO, E. *Reflexões sobre alfabetização*. São Paulo: Cortez, 1985.
- FERREIRO, E., TEBEROSKY, A. e PALÁCIO, M. G. *Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas*. Porto Alegre: Artmed, 1987.
- FERREIRO, Emilia La Practica del Dictado en el Primer Año Escolar. México/D.F: *Cuadernos de Investigaciones Educativas* n. 15, 1984.
- FONSECA, E. Sei não... só sei que foi assim. *Revista Avisa Lá*, (4), 14-27, 2000.
- FRAUENDORF, R. & GOUVEIA, B. Estratégias de leitura. *Revista Avisa lá*. (7), 6-8, 2001.
- GALLART, I. S. El placer de leer. *Revista Latino-Americana de Lectura*. Lectura y vida, Buenos Aires (Argentina), v. 16, n. 3, set. 1995.
- GNERRE, M. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- KATO, M. (org.). *A concepção da escrita pela criança*. Campinas: Pontes, 1988.
- KAUFMAN, A. M. K. e CASTEDO, M. *Alfabetização de crianças: construção e intercâmbio – Experiências pedagógicas na Educação Infantil e no Ensino Fundamental*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- KAUFMAN, A.M. & RODRIGUES, M.H. Rumo a uma tipologia dos textos. In A.M. Kaufman & M.H. Rodrigues. *Escola, leitura e produção de textos*. (I. Rodrigues, trad.) Porto Alegre: Artmed, 1995.
- KLEIMAN, A. B. (org.). *Os significados do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- KLEIMAN, A. B. *Oficina de leitura*. Campinas: Pontes/Unicamp, 1993.
- KLEIMAN, A. B. *Texto e leitor*. Campinas: Pontes/Unicamp, 1989.
- KLEIMAN, A. Objetivos e expectativas de leitura. In A. Kleiman. *Texto e leitor – Aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 1989.

- KOCH, I. V. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.
- KOCH, I. V. e FÁVERO, L. L. *A coesão textual*. Mecanismos de constituição textual. A organização do texto. Fenômenos da linguagem. São Paulo: Contexto, 1989.
- KOCH, I. V. e FÁVERO. *A coerência textual*. Sentido e compreensão do texto. Fatores de coerência textual. Tipologia de textos: 2º grau e vestibular. São Paulo: Contexto, 1991.
- Koch, I. V. e FÁVERO. *Linguística textual: introdução*. São Paulo: Cortez, 1994.
- KOCH, I. V. e TRAVÁGLIA, L. C. *Texto e coerência*. São Paulo: Cortez, 1989.
- LERNER, D. & PIZANI, A. A avaliação no processo de aprendizagem. In D. Lerner & A. Pizani. *A aprendizagem da língua escrita na escola*. – reflexões sobre a proposta construtivista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- LERNER, D. e PIZANI, A. P. *A aprendizagem da língua escrita na escola: reflexões sobre a proposta pedagógica construtivista*. Porto Alegre: Artmed, 1995.
- LERNER, D. e PIZANI, A. P. *A aprendizagem da língua escrita na escola - reflexões sobre a proposta pedagógica construtivista*. Porto Alegre: Artmed, 1995.
- LERNER, D. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. (E. Rosa, trad.). Porto Alegre: Artmed, 2002.
- LERNER, D. Ler textos difíceis. In *Seminário Internacional: O sentido dos conhecimentos escolares: uma preocupação central na elaboração de projetos de ensino*. Apostila, Centro de Estudos da Escola da Vila. São Paulo: 1999.
- MACHADO, I. A. *Literatura e redação: os gêneros literários e a tradição oral*. São Paulo: Scipione, 1994.
- MEC - Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil - *Linguagem oral e escrita*. Brasília, 1997.
- MIRAS, M. Um ponto de partida para a aprendizagem de novos conteúdos: os conhecimentos prévios. In C. Coll [et.al.]. *O construtivismo na sala de aula*. (pp.57-77). São Paulo: Ática, 1996.
- MOLINARI, M.C. La intervención docente en la alfabetización inicial. In M.L. Castedo. M.C. Molinari, & A. Siro. *Enseñar y aprender a leer: jardín de infantes y primer ciclo de la educación básica*. Buenos Aires: Ediciones Novedades Educativas, 1999.
- MORAIS, A. G. “Para que ensinar ortografia?”, “O que aprender de ortografia?” e “Uma reflexão sobre as normas ortográficas”. *Cadernos da TV Escola – Português, Vol 2*. Brasília: MEC, 1999.
- MORAIS, A. G. e TEBEROSKY, A. Erros e transgressões infantis na ortografia do português. *Discursos*, n. 8 (15-51), Lisboa, 1984.
- MORAIS, A. *Ortografia: ensinar e aprender*. São Paulo: Ática, 1998.
- NEMIROVSKY, M. Como organizar o ensino da linguagem escrita?. In M. Nemirovsky. *O ensino da linguagem escrita* (N. Hickel, trad.). Porto Alegre: Artmed, 2002.

NEMIROVSKY, M. *O ensino da linguagem escrita* (N. Hickel, trad.). Porto Alegre: Artmed, 2002.
ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 1988.
PENNAC, D. *Como um romance*. (L. Werneck, trad.) (pp.139-140). Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
PERRENOUD, P. *Avaliação da excelência à regulação das aprendizagens*. Porto Alegre: ARTMED, 1999.
TV ESCOLA. Programa 2 - Cadê o Bicho? *Projetos de Trabalho*.

Sites – Cultura Geral

Meio Ambiente

www.ecoreportereco.blogspot.com

www.envolverde.com.br

Proteção animal

www.wspa-international.org

www.avistarbrasil.com.br (sobre aves)

Cultura nordestina

www.clotildetavares.com.br

Cultura da paz

www.comitepaz.or.br

Negros em movimento

www.afropress.com

Pesquisa espacial

www.grin.hq.nasa.gov

www.astrosurf.com

Biblioteca de saúde

www.bireme.br

Ciências e Tecnologia

www.bibalex.org/website

www.2uol.com.br/sciam/

Bibliotecas da Cidade de São Paulo
www4.prefeitura.sp.gov.br/biblioteca/paginainicial.asp

Biblioteca Mário de Andrade
www.prefeitura.sp.gov.br/mariodeandrade

Biblioteca Nacional(Brasil)
www.bn.br

Sites sobre Leitura

Biblioteca Virtual do Estudante de Língua Portuguesa.
<http://www.bibvirt.futuro.usp.br/index.php>

Revista Nova Escola
<http://revistaescola.abril.com.br>

Site Alô Escola
<http://tvcultura.com.br/aloescola>

Site Caracol no Ouvido.
<http://caracol.imaginario.com/index.html>

Site Projeto Memória de Leitura.
www.unicamp.br/iel/memoria

Site Releituras
<http://www.releituras.com.br>